

HABILIDADES DA TEMÁTICA LAZER PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR



UNIDADE DIDÁTICA COM 10 AULAS SOBRE
OS CONTEÚDOS CULTURAIS DO LAZER

JOÃO BATISTA COUTINHO NETTO
YARA APARECIDA COUTO

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



C 871 Coutinho Netto, João Batista, 1989
Habilidades da temática lazer para as aulas de
Educação Física Escolar / João Batista Coutinho
Netto, Yara Aparecida Couto – Documento Eletrônico
– São Carlos – UFSCar, 2024.
77 p.

ISBN: 978-65-01-05019-5

1. Educação Física escolar. 2. Educação para o lazer. 3.
Educação pelo lazer. 4. Interesses culturais do lazer.

I. Título.

CDD – 796.07
CDU – 796.4



O PRESENTE GUIA CONTÉM SUGESTÕES DE HABILIDADES DA TEMÁTICA LAZER PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, BEM COMO UMA UNIDADE DIDÁTICA, POR MEIO DA QUAL, AS HABILIDADES PODEM SER DESENVOLVIDAS. ESTE RECURSO EDUCACIONAL PROVÉM DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA: *OS INTERESSES CULTURAIS DO LAZER NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE UNIDADE DIDÁTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL*, QUE FOI DESENVOLVIDA NO PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL – PROEF.

LIVRETO COM SUGESTÕES DE

HABILIDADES DA TEMÁTICA LAZER PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DO 1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL + UNIDADE DIDÁTICA COM 10 AULAS

ELABORAÇÃO

PROF. ME. JOÃO BATISTA COUTINHO NETTO

SUPERVISÃO GERAL

PROFA. DRA. YARA APARECIDA COUTO

APOIO

O PRESENTE TRABALHO FOI REALIZADO COM O APOIO DA COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO E PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – BRASIL (CAPES)

SÃO CARLOS
2024



SUMÁRIO

SOBRE O GUIA PRÁTICO.....	04
O QUE É A BNCC?.....	05
Competências.....	06
Competências Gerais.....	07
Competências Específicas.....	08
Competências Específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental.....	08
Competências Específicas da Educação Física para o Ensino Fundamental.....	09
Dimensões do Conhecimento da Educação Física....	10
Habilidade da Educação Física.....	13
HABILIDADES DA TEMÁTICA LAZER NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	16
UNIDADE DIDÁTICA.....	21
NOTAS DE CAMPO.....	32
REFERÊNCIAS.....	77

SOBRE O GUIA PRÁTICO



O presente GUIA, com sugestões de habilidades relacionadas à temática do lazer, foi organizado como recurso educacional resultante da elaboração, aplicação e análise de uma Unidade Didática sobre os interesses culturais do lazer nas aulas de educação física escolar, no primeiro ciclo do ensino fundamental. A pesquisa objetivou investigar e analisar quais as potencialidades pedagógicas advindas da implementação de tal unidade didática no contexto escolar.

Diante desse contexto, em consonância com as abordagens desenvolvidas na Base Nacional Comum Curricular, bem como nos cadernos do Estado de São Paulo, Currículo em Ação, foram desenvolvidas **5** habilidades relacionadas à temática lazer que convergem para a consolidação das competências neles definidas.

INTUITO DO LIVRETO

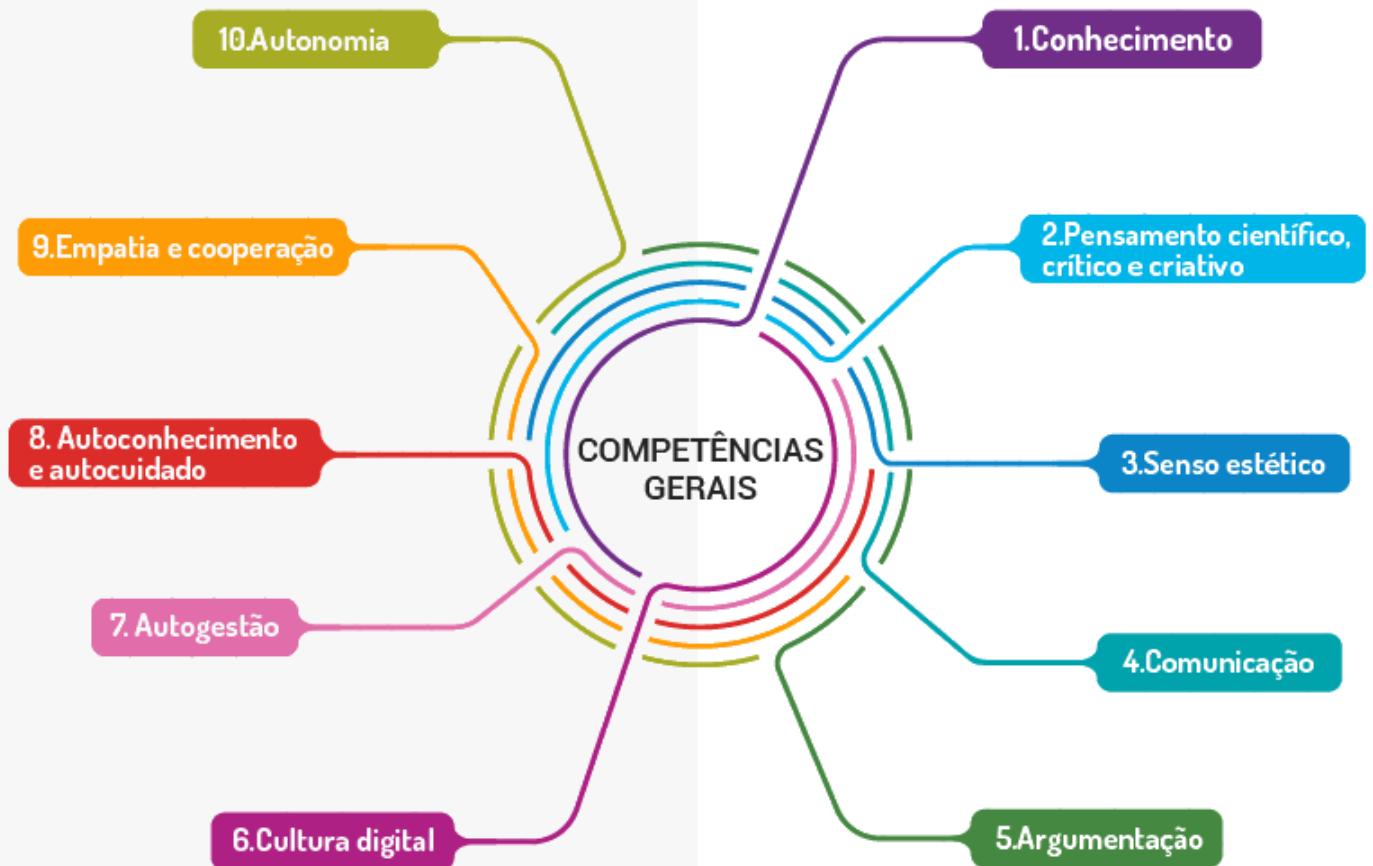
A intenção do nosso recurso educacional consiste em dialogar com os professores de educação física do primeiro ciclo do ensino fundamental – ao passo que convida à reflexão os profissionais de outros componentes curriculares com os quais o lazer promova relações e possibilidades de ação – acerca da definição de parâmetros claros na confecção dos objetivos de aprendizagem, quando da abordagem da temática lazer em suas aulas.

O QUE É A BNCC?

A Base Nacional Comum Curricular, oficialmente promulgada por meio da publicação da resolução CNE/CP nº 2, em 22 de dezembro de 2017, é o documento que estabelece as competências, as habilidades e as aprendizagens essenciais que deverão ser desenvolvidas pelos alunos de todo território nacional, de acordo com cada uma das etapas da educação básica, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Apesar, da nomenclatura “Curricular” constar no título do documento, ele é, na verdade, a referência para a construção de currículos locais, ou regionais, como o Caderno do Estado de São Paulo, Currículo em Ação. Seu objetivo é garantir o desenvolvimento pleno dos aspectos cognitivos, sociais e culturais dos estudantes, porquanto é o instrumento que fundamenta os direitos de aprendizagem aos quais todos os alunos devem ter acesso. A BNCC já estava prevista na Constituição Cidadã de 1988, e foi ratificada em 1996, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, não obstante, apenas em 2014 foi estabelecida como meta pelo Plano Nacional de Educação – PNE. Portanto, seu principal intuito consiste na garantia dos direitos de aprendizagem aos alunos em relação aos conhecimentos fundamentais e habilidades comuns, sejam nas redes de ensino municipais, estaduais, ou federais, públicas ou privadas, urbanas ou rurais, de todo país.

COMPETÊNCIAS

A Base Nacional Comum Curricular, a fim de garantir os direitos de aprendizagem de todos os alunos matriculados em quaisquer dos níveis da Educação Básica, foi construída a partir das competências gerais e específicas de cada área, que constituem, por sua vez, a capacidade de mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores na resolução de problemas do cotidiano, da esfera laboral e no exercício da cidadania. Nesse sentido, as competências estão em plena harmonia, atuando como um fio condutor na consecução das habilidades e das aprendizagens essenciais. No decorrer de todo ensino básico os alunos estarão em contato com as 10 competências, de modo que, em todos os componentes curriculares, elas se fazem presentes como conhecimentos transversais que perpassam as diferentes áreas do saber.



1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

A BNCC estrutura os componentes curriculares em 4 áreas do conhecimento, com suas competências específicas, quais sejam: Linguagens; Matemática; Ciências da Natureza e Ciências Humanas. A Educação Física está situada na área de Linguagens, portanto, além das 10 competências gerais e de suas próprias competências específicas conta ainda com as competências específicas da área de linguagens:

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LINGUAGENS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

1. Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual.
2. Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural nesse campo.
3. Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença, inclusive no contexto das atividades laborais.
4. Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas.
5. Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.
6. Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam.
7. Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos.
8. Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde.
9. Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.
10. Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.

Além das competências gerais, das competências específicas da área de linguagens e das competências específicas do componente curricular Educação Física, há ainda as 8 dimensões do conhecimento na Base Nacional Comum Curricular que são privilegiadas pelas habilidades as quais veremos mais adiante.

Reflexão sobre a ação: refere-se aos conhecimentos originados na observação e na análise das próprias vivências corporais e daquelas realizadas por outros. Vai além da reflexão espontânea, gerada em toda experiência corporal. Trata-se de um ato intencional, orientado a formular e empregar estratégias de observação e análise para: (a) resolver desafios peculiares à prática realizada; (b) apreender novas modalidades; e (c) adequar as práticas aos interesses e às possibilidades próprios e aos das pessoas com quem compartilha a sua realização;

Análise: está associada aos conceitos necessários para entender as características e o funcionamento das práticas corporais (saber sobre). Essa dimensão reúne conhecimentos como a classificação dos esportes, os sistemas táticos de uma modalidade, o efeito de determinado exercício físico no desenvolvimento de uma capacidade física, entre outros;

Compreensão: está também associada ao conhecimento conceitual, mas, diferentemente da dimensão anterior, refere-se ao esclarecimento do processo de inserção das práticas corporais no contexto sociocultural, reunindo saberes que possibilitam compreender o lugar das práticas corporais no mundo. Em linhas gerais, essa dimensão está relacionada a temas que permitem aos estudantes interpretar as manifestações da cultura corporal de movimento em relação às dimensões éticas e estéticas, à época e à sociedade que as gerou e as modificou, às razões da sua produção e transformação e à vinculação local, nacional e global. Por exemplo, pelo estudo das condições que permitem o surgimento de uma determinada prática corporal em uma dada região e época ou os motivos pelos quais os esportes praticados por homens têm uma visibilidade e um tratamento midiático diferente dos esportes praticados por mulheres

Experimentação: refere-se à dimensão do conhecimento que se origina pela vivência das práticas corporais, pelo envolvimento corporal na realização das mesmas. São conhecimentos que não podem ser acessados sem passar pela vivência corporal, sem que sejam efetivamente experimentados. Trata-se de uma possibilidade única de apreender as manifestações culturais tematizadas pela Educação Física e do estudante se perceber como sujeito “de carne e osso”. Faz parte dessa dimensão, além do imprescindível acesso à experiência, cuidar para que as sensações geradas no momento da realização de uma determinada vivência sejam positivas ou, pelo menos, não sejam desagradáveis a ponto de gerar rejeição à prática em si;

Uso e apropriação: refere-se ao conhecimento que possibilita ao estudante ter condições de realizar de forma autônoma uma determinada prática corporal. Trata-se do mesmo tipo de conhecimento gerado pela experimentação (saber fazer), mas dele se diferencia por possibilitar ao estudante a competência necessária para potencializar o seu envolvimento com práticas corporais no lazer ou para a saúde. Diz respeito àquele rol de conhecimentos que viabilizam a prática efetiva das manifestações da cultura corporal de movimento não só durante as aulas, como também para além delas;

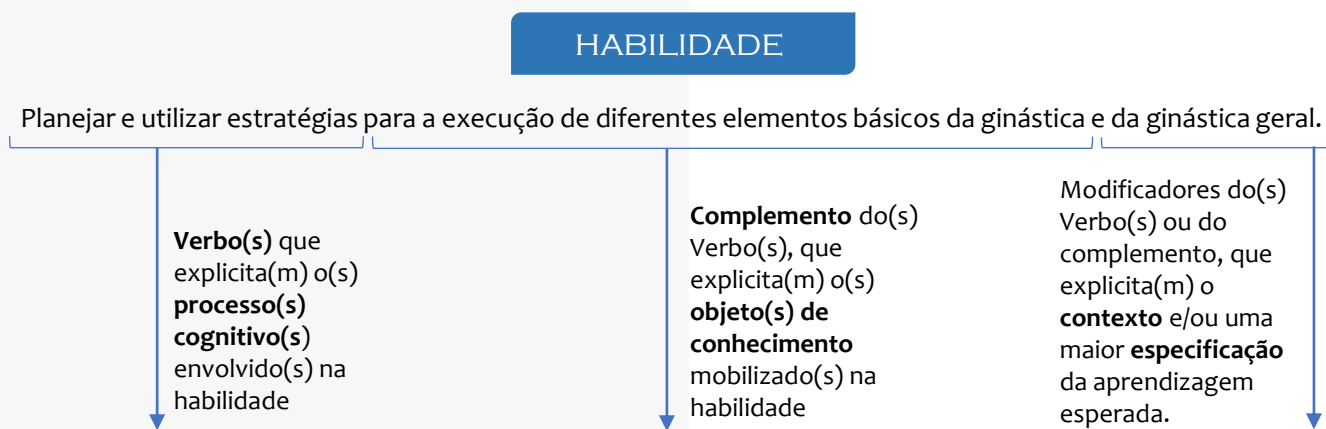
Uso e apropriação: refere-se ao conhecimento que possibilita ao estudante ter condições de realizar de forma autônoma uma determinada prática corporal. Trata-se do mesmo tipo de conhecimento gerado pela experimentação (saber fazer), mas dele se diferencia por possibilitar ao estudante a competência⁴³ necessária para potencializar o seu envolvimento com práticas corporais no lazer ou para a saúde. Diz respeito àquele rol de conhecimentos que viabilizam a prática efetiva das manifestações da cultura corporal de movimento não só durante as aulas, como também para além delas.

Fruição: implica a apreciação estética das experiências sensíveis geradas pelas vivências corporais, bem como das diferentes práticas corporais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos. Essa dimensão está vinculada com a apropriação de um conjunto de conhecimentos que permita ao estudante desfrutar da realização de uma determinada prática corporal e/ou apreciar essa e outras tantas quando realizadas por outros

Construção de valores: vincula-se aos conhecimentos originados em discussões e vivências no contexto da tematização das práticas corporais, que possibilitam a aprendizagem de valores e normas voltadas ao exercício da cidadania em prol de uma sociedade democrática. A produção e partilha de atitudes, normas e valores (positivos e negativos) são inerentes a qualquer processo de socialização. No entanto, essa dimensão está diretamente associada ao ato intencional de ensino e de aprendizagem e, portanto, demanda intervenção pedagógica orientada para tal fim. Por esse motivo, a BNCC se concentra mais especificamente na construção de valores relativos ao respeito às diferenças e no combate aos preconceitos de qualquer natureza. Ainda assim, não se pretende propor o tratamento apenas desses valores, ou fazê-lo só em determinadas etapas do componente, mas assegurar a superação de estereótipos e preconceitos expressos nas práticas corporais;

Protagonismo comunitário: refere-se às atitudes/ações e conhecimentos necessários para os estudantes participarem de forma confiante e autoral em decisões e ações orientadas a democratizar o acesso das pessoas às práticas corporais, tomando como referência valores favoráveis à convivência social. Contempla a reflexão sobre as possibilidades que eles e a comunidade têm (ou não) de acessar uma determinada prática no lugar em que moram, os recursos disponíveis (públicos e privados) para tal, os agentes envolvidos nessa configuração, entre outros, bem como as iniciativas que se dirigem para ambientes além da sala de aula, orientadas a interferir no contexto em busca da materialização dos direitos sociais vinculados a esse universo

A fim de garantir o desenvolvimento das competências específicas das áreas, com cada uma delas, é estabelecido um conjunto de habilidades, que dizem respeito às aprendizagens essenciais que devem ser garantidas pela BNCC em cada ciclo da Educação Básica. Nesse sentido, estão dispostas segundo uma determinada estrutura, conforme podemos conferir no exemplo a seguir:



Os modificadores são a explicação da situação ou condição em que a habilidade deve ser desenvolvida, considerando a faixa etária dos alunos.

CÓDIGO ALFANUMÉRICO

EF 12 EF 08

O primeiro par de letras indica a etapa - Ensino Fundamental

O primeiro par de números indica o bloco de anos a que se refere a habilidade (1º e 2º) ou (3º ao 5º)

O último par de números indica a posição da habilidade na numeração sequencial do bloco de anos

O segundo par de letras indica o componente curricular - Educação Física

ENSINO FUNDAMENTAL I – 1º E 2º ANOS

EF12EF01) Experimentar, fruir e recriar diferentes brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional, reconhecendo e respeitando as diferenças individuais de desempenho dos colegas.

(EF12EF02) Explicar, por meio de múltiplas linguagens (corporal, visual, oral e escrita), as brincadeiras e os jogos populares do contexto comunitário e regional, reconhecendo e valorizando a importância desses jogos e brincadeiras para suas culturas de origem.

(EF12EF03) Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios de brincadeiras e jogos populares do contexto comunitário e regional, com base no reconhecimento das características dessas práticas.

(EF12EF04) Colaborar na proposição e na produção de alternativas para a prática, em outros momentos e espaços, de brincadeiras e jogos e demais práticas corporais tematizadas na escola, produzindo textos (orais, escritos, audiovisuais) para divulgá-las na escola e na comunidade.

(EF12EF05) Experimentar e fruir, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo, a prática de esportes de marca e de precisão, identificando os elementos comuns a esses esportes.

(EF12EF06) Discutir a importância da observação das normas e das regras dos esportes de marca e de precisão para assegurar a integridade própria e as dos demais participantes.

(EF12EF07) Experimentar, fruir e identificar diferentes elementos básicos da ginástica (equilíbrios, saltos, giros, rotações, acrobacias, com e sem materiais) e da ginástica geral, de forma individual e em pequenos grupos, adotando procedimentos de segurança.

(EF12EF08) Planejar e utilizar estratégias para a execução de diferentes elementos básicos da ginástica e da ginástica geral.

(EF12EF09) Participar da ginástica geral, identificando as potencialidades e os limites do corpo, e respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal.

(EF12EF10) Descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita e audiovisual), as características dos elementos básicos da ginástica e da ginástica geral, identificando a presença desses elementos em distintas práticas corporais.

(EF12EF11) Experimentar e fruir diferentes danças do contexto comunitário e regional (rodas cantadas, brincadeiras rítmicas e expressivas), e recriá-las, respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal.

(EF12EF12) Identificar os elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos) das danças do contexto comunitário e regional, valorizando e respeitando as manifestações de diferentes culturas.

(EF35EF01) Experimentar e fruir brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matriz indígena e africana, e recriá-los, valorizando a importância desse patrimônio histórico cultural.

(EF35EF02) Planejar e utilizar estratégias para possibilitar a participação segura de todos os alunos em brincadeiras e jogos populares do Brasil e de matriz indígena e africana.

(EF35EF03) Descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita, audiovisual), as brincadeiras e os jogos populares do Brasil e de matriz indígena e africana, explicando suas características e a importância desse patrimônio histórico cultural na preservação das diferentes culturas.

(EF35EF04) Recriar, individual e coletivamente, e experimentar, na escola e fora dela, brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, incluindo aqueles de matriz indígena e africana, e demais práticas corporais tematizadas na escola, adequando-as aos espaços públicos disponíveis.

(EF35EF05) Experimentar e fruir diversos tipos de esportes de campo e taco, rede/parede e invasão, identificando seus elementos comuns e criando estratégias individuais e coletivas básicas para sua execução, prezando pelo trabalho coletivo e pelo protagonismo.

(EF35EF06) Diferenciar os conceitos de jogo e esporte, identificando as características que os constituem na contemporaneidade e suas manifestações (profissional e comunitária/lazer).

(EF35EF07) Experimentar e fruir, de forma coletiva, combinações de diferentes elementos da ginástica geral (equilíbrios, saltos, giros, rotações, acrobacias, com e sem materiais), propondo coreografias com diferentes temas do cotidiano.

(EF35EF08) Planejar e utilizar estratégias para resolver desafios na execução de elementos básicos de apresentações coletivas de ginástica geral, reconhecendo as potencialidades e os limites do corpo e adotando procedimentos de segurança.

(EF35EF09) Experimentar, recriar e fruir danças populares do Brasil e do mundo e danças de matriz indígena e africana, valorizando e respeitando os diferentes sentidos e significados dessas danças em suas culturas de origem.

(EF35EF10) Comparar e identificar os elementos constitutivos comuns e diferentes (ritmo, espaço, gestos) em danças populares do Brasil e do mundo e danças de matriz indígena e africana.

(EF35EF11) Formular e utilizar estratégias para a execução de elementos constitutivos das danças populares do Brasil e do mundo, e das danças de matriz indígena e africana.

(EF35EF12) Identificar situações de injustiça e preconceito geradas e/ou presentes no contexto das danças e demais práticas corporais e discutir alternativas para superá-las.

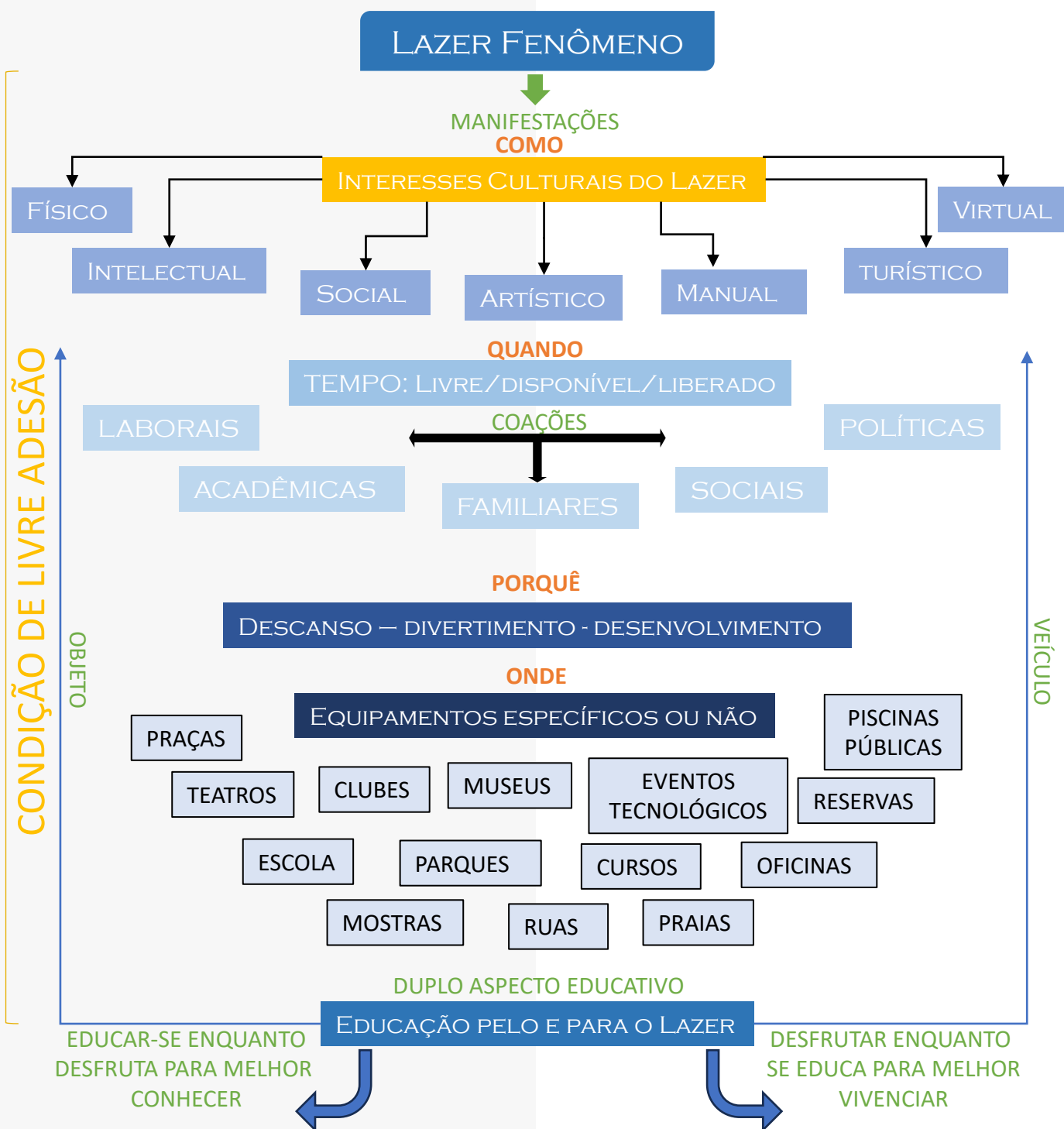
(EF35EF13) Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas presentes no contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana.

(EF35EF14) Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas do contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana experimentadas, respeitando o colega como oponente e as normas de segurança.

(EF35EF15) Identificar as características das lutas do contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana, reconhecendo as diferenças entre lutas e brigas e entre lutas e as demais práticas corporais.

HABILIDADES DA TEMÁTICA LAZER

Antes de apresentarmos as habilidades da temática lazer que foram desenvolvidas no âmbito da pesquisa, “Os interesses culturais do lazer nas aulas de educação física escolar: uma proposta de unidade didática para o ensino fundamental”, exibiremos um infográfico que sintetiza a fundamentação teórica, que sustentou a investigação e, a partir da qual, as habilidades emergiram, assinalando a compreensão da relação escola-lazer-educação, adota no trabalho.



As habilidades listadas a seguir, diferem no código das que aparecem no trabalho de pesquisa, “Os interesses culturais do lazer nas aulas de educação física escolar: uma proposta de unidade didática para o ensino fundamental”, do qual são provenientes, pois, como explicitado no trabalho, naquele contexto específico, ao se tratar de uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental I, foram todas direcionadas à esta fase. Portanto, aqui no livreto, e como sugestão de abordagem da temática lazer, desde o primeiro ano do ciclo I, do ensino fundamental, os códigos estão adequados à cada etapa, especificamente no primeiro par de números, que corresponde aos anos a que são destinadas as habilidades a serem desenvolvidas, e no último, que representa a ordem sequencial no conjunto.

(EF12EF13) identificar, comparar e diferenciar os elementos constitutivos fundamentais de cada interesse cultural do lazer na inter-relação com a educação física escolar;

(EF12EF14) experimentar e fruir práticas do contexto do lazer nos seus diferentes interesses culturais, valorizando a importância dos tempos e espaços dedicados a promoção desses valores;

(EF35EF16) refletir sobre a importância das práticas do contexto do lazer na vida cotidiana e sobre como estes direitos podem ser legalmente garantidos;

(EF35EF17) descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita, audiovisual), as práticas do contexto do lazer na vertente dos interesses culturais, explicando suas características e a importância desse patrimônio para a preservação e ampliação da cultura;

(EF35EF18) recriar, individual e coletivamente, e experimentar, na escola e fora dela, atividades do contexto do lazer enquanto reflete sobre suas possibilidades de vivências em relação aos valores e conteúdos culturais;

(EF12EF13) identificar, comparar e diferenciar os elementos constitutivos fundamentais de cada interesse cultural do lazer na inter-relação com a educação física escolar.

Por meio da primeira habilidade, conforme explicitam os verbos identificar, comparar e diferenciar, os alunos são chamados à aprenderem, no primeiro momento, a reconhecer, em meio as diversas características que constituem uma vivência, quais delas distinguem um determinado interesse cultural do lazer. Em seguida, após identificado cada interesse cultural individualmente, o aluno deverá ser capaz de comparar as características fundamentais de um e outro interesse. Na terceira etapa do desenvolvimento desta habilidade, os alunos, mediante a comparação das características de cada interesse, deverão saber diferenciá-los pelos princípios que os definem. Por fim, os alunos precisarão estabelecer relações entre essas vivências realizadas na escola e em outros contextos.

(EF12EF14) experimentar e fruir práticas do contexto do lazer nos seus diferentes interesses culturais, valorizando a importância dos tempos e espaços dedicados a promoção desses valores.

Nesta habilidade, os verbos experimentar e fruir, indicam que os alunos deverão ser capazes de vivenciar diferentes interesses e conteúdos culturais do lazer, bem como desenvolver sua sensibilidade para apreciar e desfrutar dos momentos em que essas vivências ocorrem. Mediante o acontecimento dessas experiências os alunos precisarão despertar seu senso crítico a fim de valorizarem as oportunidades nas quais tais vivências tornam-se possíveis.

(EF35EF16) refletir sobre a importância das práticas do contexto do lazer na vida cotidiana e sobre como estes direitos podem ser legalmente garantidos;

O verbo que explicita a ação desta habilidade convida os alunos a refletirem acerca da importância das vivências do contexto do lazer, em todas as oportunidades de suas vidas. Os alunos devem ainda identificar os meios pelos quais o direito social de acesso ao lazer pode ser garantido, necessidades que podem ser facilitadas com o pleno desenvolvimento das habilidades anteriores.

(EF35EF17) descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita, audiovisual), as práticas do contexto do lazer na vertente dos interesses culturais, explicando suas características e a importância desse patrimônio para a preservação e ampliação da cultura;

Neste momento, idealmente concebido para ocorrer no 4º ano do ensino fundamental, os alunos serão chamados à proatividade, de maneira que precisarão expor, com apresentação de trabalhos, seminários, desenhos, criação de jogos etc., o que apreenderam sobre as características constituintes dos conteúdos e valores culturais do lazer, bem como explicitar como esse patrimônio é importante para o cultivo e ampliação da nossa cultura.

(EF35EF18) recriar, individual e coletivamente, e experimentar, na escola e fora dela, atividades do contexto do lazer enquanto reflete sobre suas possibilidades de vivências em relação aos valores e conteúdos culturais;

Ainda, explorando a ação criativa dos alunos, eles agora serão chamados a, tendo por base todo o conhecimento desenvolvido no decorrer do ensino fundamental I, referente aos estudos do lazer, recriar e experimentar, individualmente e em grupos, as vivências do contexto do lazer, tanto no ambiente escolar, quanto fora dele, ao passo que observam, em suas realidades, quais as suas possibilidades de vivências e como podem interferir nesse processo.

PARA REFLETIR:

Ressaltamos que as habilidades, como assinala a BNCC, na medida em que correspondem a todo o desenvolvimento de uma Unidade Temática, na qual se realizam diversas aulas, devem ser detalhadas em objetivos menores correspondentes a cada uma dessas aulas, que no seu conjunto, deverão ser capazes de suscitar determinada habilidade nos alunos.

UNIDADE DIDÁTICA – OS INTERESSES CULTURAIS DO LAZER NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

TEMA DA UNIDADE	LAZER
OBJETO DE CONHECIMENTO	Interesses Culturais do Lazer
HABILIDADES	
(EF12EF13)	Identificar, comparar e diferenciar os elementos constitutivos fundamentais de cada interesse cultural do lazer na inter-relação com a Educação Física escolar.
(EF12EF14)	Experimentar e fruir práticas do contexto do lazer nos seus diferentes interesses culturais, valorizando a importância dos tempos e espaços dedicados a promoção desses valores.
(EF35EF16)	Refletir sobre a importância das práticas do contexto do lazer na vida cotidiana e sobre como estes direitos podem ser legalmente garantidos.
(EF35EF17)	Descrever, por meio de múltiplas linguagens (corporal, oral, escrita, audiovisual), as práticas do contexto do lazer na vertente dos interesses culturais, explicando suas características e a importância desse patrimônio para a preservação e ampliação da cultura.
(EF35EF18)	Recriar, individual e coletivamente, e experimentar, na escola e fora dela, atividades do contexto do lazer enquanto reflete sobre suas possibilidades de vivências em relação aos valores e conteúdos culturais.

AULA 1	
TEMA DA AULA	LAZER – Interesses Culturais do Lazer
OBJETO DE CONHECIMENTO	Apresentação da Unidade Didática
LOCAL SUGERIDO	Sala de Audiovisual – Sala de aula – Sala de Informática
DURAÇÃO	50 minutos
RECURSOS	Equipamento audiovisual (projektor, tela etc.), Apresentação de slides, Folhas sulfite, lápis de colorir
OBJETIVOS	Compreender o conceito de Interesse Cultural do Lazer; conhecer os diferentes elementos que o constitui; refletir sobre as possibilidades de lazer nos espaços públicos; apropriar-se das legislações que garantem o direito de acesso ao contextos do lazer; preparar-se para a elaboração do planejamento participativo.
DESENVOLVIMENTO	<p>Exposição/diálogo inicial: instruções breves acerca da primeira tarefa da aula, a qual, consiste na distribuição das folhas de sulfite para os alunos e a solicitação do professor para que desenhem o que é lazer, segundo suas concepções.</p> <p>Vivência semiaberta: os alunos desenharão, em um dos lados da folha de sulfite, em que consiste o lazer, conforme suas concepções.</p> <p>Conscientização: terminados os desenhos, será exposto o conteúdo com a definição de interesses culturais do lazer, bem como a explanação de cada um deles, com diversos exemplos, por meio de imagens, vídeos, a fim de melhor ilustrá-los.</p> <p>Vivência pós-conscientização: os alunos deverão fazer um segundo desenho no verso da folha para que seja comparado com o primeiro anteriormente realizado</p> <p>Reflexão/avaliação: discussão sobre os desenhos. Autoavaliação. Avaliação da aula.</p>
AVALIAÇÃO	Desenho com o tema: o que é lazer para mim?

AULA 2	
TEMA DA AULA	LAZER – Interesses Culturais do Lazer
OBJETO DE CONHECIMENTO	Planejamento Participativo
LOCAL SUGERIDO	Sala de Audiovisual – Sala de aula – Sala de Informática
DURAÇÃO	50 minutos
RECURSOS	Equipamento audiovisual (projektor, tela etc.), Apresentação de slides, Cartolinas, lápis e canetinhas de colorir
OBJETIVOS	Participar ativamente das escolhas envolvidas na elaboração do planejamento da Unidade Didática; ser capaz de elaborar conjuntamente com colegas e professor, um planejamento; sustentar argumentação em defesa de suas preferências e escolhas.
DESENVOLVIMENTO	<p>Exposição/diálogo inicial: retomada dos interesses culturais do lazer, apresentando para cada um deles diversas possibilidades de vivências.</p> <p>Vivência semiaberta: discussão discente sobre quais vivências serão escolhidas para comporem as aulas.</p> <p>Conscientização: intervenção docente indicando caminhos para as escolhas, bem como introduzindo vivências com a finalidade de ampliar o repertório dos alunos na perspectiva da educação para o lazer.</p> <p>Vivência pós-conscientização: reavaliação das decisões tomadas e alterações necessárias para possibilitar a realização das vivências, conforme as possibilidades da escola. Registro em cartolinas das vivências escolhidas.</p> <p>Reflexão/avaliação: ao final, os alunos responderão a seguinte pergunta: quais suas expectativas em relação à sua participação na Unidade Didática dos interesses culturais do lazer?</p>
AVALIAÇÃO	Observação da participação nas atividades, resultado do planejamento; observação da coerência argumentativa.

AULA 3	
TEMA DA AULA	LAZER – Interesses Culturais do Lazer
OBJETO DE CONHECIMENTO	Interesses Físico Esportivos do Lazer
LOCAL SUGERIDO	Quadra
DURAÇÃO	50 minutos
RECURSOS	Bola de futsal; coletes; caixa de som; bicicletas, frisbee
VIVÊNCIAS ESCOLHIDAS	Futebol (futsal); Dança; Passeio ciclistico
OBJETIVOS	<p>Experimental/fruir atividades físicas na perspectiva do lazer; identificar as características predominantes nas atividades que as qualificam como interesse físico.</p>
DESENVOLVIMENTO	<p>Exposição/diálogo inicial: apresentação da sequência da aula. Levantamento de pontos de atenção aos quais os alunos poderiam observar, tais como a natureza predominantemente física, das atividades.</p> <p>Vivência semiaberta: jogo de futsal; danças; passeio de bicicleta</p> <p>Conscientização: percepções sobre as atividades vivenciadas; apresentação do Ultimate Frisbee</p> <p>Vivência pós-conscientização: vivência do Ultimate Frisbee</p> <p>Reflexão/avaliação: é possível realizar o frisbee fora da escola?</p>
AVALIAÇÃO	<p>Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas.</p>

AULA 4	
TEMA DA AULA	LAZER – Interesses Culturais do Lazer
OBJETO DE CONHECIMENTO	Interesses Intelectuais do Lazer
LOCAL SUGERIDO	Sala de aula – sala de jogos – pátio – ao ar livre
DURAÇÃO	50 minutos
RECURSOS	Jogos de tabuleiro e de mesa; papel; caneta
OBJETIVOS	<p>Experimentar/fruir atividades predominantemente intelectuais na perspectiva do lazer; identificar as características prevalentes nas atividades que as qualificam como interesse intelectual.</p>
DESENVOLVIMENTO	<p>Exposição/diálogo inicial: apresentação da organização da aula em estações. Levantamento de pontos de atenção aos quais os alunos poderiam observar, tais como a natureza predominantemente intelectual, das atividades.</p> <p>Vivência semiaberta: separados em grupos os alunos experimentam as estações: Stop; Cara-a-cara; Uno e Banco Imobiliário.</p> <p>Conscientização: percepções sobre as atividades vivenciadas; apresentação dos jogos sugeridos pelo professor: Quebra-cabeça; Sudoku; Palavras cruzadas; Ludo; Caça palitos; Cilada; Dominó; Blocos de encaixe; Caiu perdeu; War.</p> <p>Vivência pós-conscientização: experimentação das novas estações.</p> <p>Reflexão/avaliação: roda de conversa sobre a experimentação, sobre a natureza predominantemente intelectual das atividades em contraste com a aula anterior.</p>
AVALIAÇÃO	<p>Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas.</p>

AULA 5	
TEMA DA AULA	LAZER – Interesses Culturais do Lazer
OBJETO DE CONHECIMENTO	Interesses Sociais do Lazer
LOCAL SUGERIDO	Quadra – gramado - pátio
DURAÇÃO	50 minutos
RECURSOS	Toalha; guardanapos; alimentos e bebidas diversos
OBJETIVOS	<p>Experimentar/fruir atividades sociais na perspectiva do lazer; identificar as características predominantes nas atividades que as qualificam como interesse social.</p>
DESENVOLVIMENTO	<p>Exposição/diálogo inicial: conversa sobre as oportunidades que os momentos de alimentação em grupo nos proporcionam para o aumento do conhecimento mútuo acerca da realidade de cada indivíduo. Levantamento de pontos de atenção aos quais os alunos poderiam observar, tais como a natureza predominantemente social, desse encontro; sociabilização.</p> <p>Vivência semiaberta: em roda, alunos e professor conversam sobre assuntos variados enquanto comem os alimentos trazidos por eles.</p> <p>Conscientização: momento oportuno, em que todos param de comer para responder alguns questionamentos do professor, tais como: como é sua alimentação em casa? Seus familiares costumam se reunir para se alimentarem juntos? Fazem confraternizações, festas etc.? Saem com os familiares ou amigos para algum tipo evento social? Alguém cultiva algum hobby, toca algum instrumento etc.?</p> <p>Vivência pós-conscientização: todos terminam de se alimentar e conversar, contando mais um pouco sobre si.</p> <p>Reflexão/avaliação: reflexão sobre como podemos promover e valorizar esses momentos de encontro, mediante os quais nos conhecemos a nós mesmos na relação com os outros, a vida em sociedade e como isso é importante para o processo acadêmico escolar, que, cada vez mais, constitui um núcleo social.</p>
AVALIAÇÃO	<p>Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas.</p>

AULA 6	
TEMA DA AULA	LAZER – Interesses Culturais do Lazer
OBJETO DE CONHECIMENTO	Interesses Virtuais do Lazer
LOCAL SUGERIDO	Sala de informática – sala de aula – sala de robótica
DURAÇÃO	50 minutos
RECURSOS	Jogos eletrônicos; notebooks; tablets; mesa digitalizadora; celulares; internet;
OBJETIVOS	Experimentar/fruir atividades virtuais na perspectiva do lazer; identificar as características predominantes nas atividades que as qualificam como interesse virtual.
DESENVOLVIMENTO	<p>Exposição/diálogo inicial: apresentação da organização da aula em estações. Levantamento de pontos de atenção aos quais os alunos poderiam observar, tais como a natureza, predominantemente, virtual das interações e atividades.</p> <p>Vivência semiaberta: os alunos iniciam as estações passando pelo grupo de WhatsApp criado para manutenção de uma interação sobre a aula e pelos notebooks com variados jogos com e sem controle.</p> <p>Conscientização: conversa sobre como a virtualidade oferece oportunidades diversas de acesso a várias formas de conhecimento e vivências.</p> <p>Vivência pós-conscientização: introdução das atividades sugeridas pelo professor, tais como: passeio virtual com Google Earth. Desenho digital em mesa digitalizadora; jogos intelectuais digitais etc.</p> <p>Reflexão/avaliação: discussão sobre como podemos vivenciar diferentes interesses culturais por meio do virtual; como devemos modular o uso dos aparelhos eletrônicos para promover o encontro presencial, como na aula anterior, ao passo que o virtual nos oferece possibilidades, de outro modo, inviáveis.</p>
AVALIAÇÃO	Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas.

AULA 7	
TEMA DA AULA	LAZER – Interesses Culturais do Lazer
OBJETO DE CONHECIMENTO	Interesses Turísticos do Lazer
LOCAL SUGERIDO	Espaço urbano – vias dos bairros próximos à escola
DURAÇÃO	50 minutos
RECURSOS	Bonés; filtro solar; garrafas de água; calçado confortável
OBJETIVOS	<p>Experimentar/fruir atividades turísticas na perspectiva do lazer; identificar as características predominantes nas atividades que as qualificam como interesse físico.</p>
DESENVOLVIMENTO	<p>Exposição/diálogo inicial: ainda na escola são passadas as instruções sobre o comportamento durante o passeio. Levanta-se alguns pontos sobre a relação dos interesses físicos como os turísticos. Qual predomina?</p> <p>Vivência semiaberta: saímos da escola passeando pelas ruas dos bairros nos quais vivem os alunos.</p> <p>Conscientização: conversamos sobre a arquitetura, sobre a função social de cada prédio e espaço público, sobre a realidade social desses bairros.</p> <p>Vivência pós-conscientização: continuamos a caminhada pelas ruas e vielas enquanto os alunos relatam experiências vividas nesses espaços.</p> <p>Reflexão/avaliação: já de volta à escola, conversamos sobre as possibilidades de vivências do âmbito do lazer que eles costumam experimentar nos locais pelos quais passamos. Compreensão de que, mesmo realizando uma atividade física, como a caminhada, o interesse predominante que motivou o passeio foi o desejo de se deslocar pelo bairro, mudar de paisagem em relação ao ambiente escolar e desfrutar desse momento.</p>
AVALIAÇÃO	<p>Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas.</p>

AULA 8	
TEMA DA AULA	LAZER – Interesses Culturais do Lazer
OBJETO DE CONHECIMENTO	Interesses Artísticos do Lazer
LOCAL SUGERIDO	Quadra – pátio – salas
DURAÇÃO	50 minutos
RECURSOS	Massa de modelar; folha sulfite; cartolinas; lápis de colorir; tinta guache, câmera fotográfica/celular.
OBJETIVOS	Experimentar/fruir atividades artísticas na perspectiva do lazer; identificar as características predominantes nas atividades que as qualificam como interesse artístico.
DESENVOLVIMENTO	<p>Exposição/diálogo inicial: conversa sobre o quanto estamos atentos às expressões artísticas que nos cercam e como podemos expressar nossas interioridades, por meio da arte.</p> <p>Vivência semiaberta: em duplas, os alunos desenham e pintam algo que lhes seja significativo, que consideram belo, que eleve sua alma.</p> <p>Conscientização: reflexão sobre encontrar beleza ao nosso redor</p> <p>Vivência pós-conscientização: enquanto terminam suas pinturas, uma dupla de cada vez, sai pela escola procurando registrar fotograficamente algo que lhes chame a atenção.</p> <p>Reflexão/avaliação: explicação do que fotografaram. Conversa sobre as oportunidades de acesso às artes.</p>
AVALIAÇÃO	Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas.

AULA 9	
TEMA DA AULA	LAZER – Interesses Culturais do Lazer
OBJETO DE CONHECIMENTO	Interesses Manuais do Lazer
LOCAL SUGERIDO	Sala de aula
DURAÇÃO	2h30 minutos
RECURSOS	Papel de seda de diversas cores, Linha nº 10, Varetas de bambu, Sacos plásticos, Cola, tesoura; molde para confecção de armação.
OBJETIVOS	Experimentar/fruir atividades manuais na perspectiva do lazer; identificar as características predominantes nas atividades que as qualificam como interesse manual
DESENVOLVIMENTO	<p>Exposição/diálogo inicial: instruções sobre o passo-a-passo da confecção da pipa. Levantamento de pontos de atenção aos quais os alunos poderiam observar, tais como a natureza, predominantemente, manual das ações.</p> <p>Vivência semiaberta: entrega dos materiais e início da confecção das pipas.</p> <p>Conscientização: conversa sobre a capacidade humana de transformar a natureza, por meio de sua intervenção na matéria e da intencionalidade posta nos objetos.</p> <p>Vivência pós-conscientização: os alunos continuam a confecção de todas as partes que compõem a pipa, desde a armação, passando pela encapagem; cabresto; rabiola.</p> <p>Reflexão/avaliação: roda de conversa final sobre as atividades relacionadas aos interesses manuais do lazer; como podemos construir nosso próprio material; como podemos vivenciar atividades do âmbito do lazer sem a necessidade de entrar em uma lógica de consumo desmedida.</p>
AVALIAÇÃO	Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas.

AULA 10	
TEMA DA AULA	LAZER – Interesses Culturais do Lazer
OBJETO DE CONHECIMENTO	Festival de pipas
LOCAL SUGERIDO	Praça do Bairro
DURAÇÃO	2 horas
RECURSOS	Pipas confeccionadas em aula, linha (Os alunos que tiverem poderão levar), boné, filtro solar..
OBJETIVOS	<p>Experimentar/fruir atividades de lazer; identificar as características predominantes nas atividades e com qual interesse elas se identificam.</p>
DESENVOLVIMENTO	<p>Exposição/diálogo inicial: ainda na escola, reforçar os avisos sobre os cuidados durante o festival; conversar sobre a expectativa para o encerramento da unidade didática; sobre como os interesses culturais do lazer se interpõem e se interconectam.</p> <p>Vivência aberta: este é o momento de encerramento da unidade didática, quando os alunos têm a oportunidade de experimentar e demonstrar a autonomia desenvolvida ao longo do processo, de modo que possam vivenciar as atividades, a partir dos materiais que eles mesmos confeccionaram, de maneira emancipada da coação da lógica de consumo e dos obstáculos diversos que os impedem de acessar esses espaços e tempos.</p> <p>Reflexão/avaliação: reflexão final</p>
AVALIAÇÃO	<p>Roda de conversa com relato de experiência sobre sua participação, questionamento oral acerca das características das atividades vivenciadas, autoavaliação, avaliação da Unidade Didática</p>

As notas de campo aqui referidas dizem respeito à aplicação da unidade didática anteriormente apresentada. Nelas estão contidas todas as informações acerca do desenvolvimento das aulas, bem como de aspectos da preparação, organização, execução, mudanças de percurso e observações pertinentes que o pesquisador acrescentou, seja durante as aulas, quando da elaboração das notas ou ainda nas revisitas, com intuito de categorização e análise do trabalho.

Os comentários do observador estão indicados, ao longo dos textos, pela sigla “C.O.”. As participações dos alunos serão identificadas por seus nomes fictícios, constantes da Tabela 1, por exemplo: Jezebel e a participação do professor será destacada por meio da sigla P.

Índice de aulas

- ❖ AULA 1 – APRESENTAÇÃO
- ❖ AULA 2 – PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO
- ❖ AULA 3 – INTERESSES FÍSICOS
- ❖ AULA 4 – INTERESSES INTELECTUAIS
- ❖ AULA 5 – INTERESSES SOCIAIS
- ❖ AULA 6 – INTERESSES VIRTUAIS
- ❖ AULA 7 – INTERESSES TURÍSTICOS
- ❖ AULA 8 – INTERESSES ARTÍSTICOS
- ❖ AULA 9 – INTERESSES MANUAIS
- ❖ AULA 10 – FESTIVAL

Como anteriormente referido, durante a elaboração das notas de campo foram utilizados nomes fictícios para se referirem aos participantes da pesquisa a fim de preservar suas identidades e o sigilo de suas informações, em consonância com o previsto nos termos de consentimento e assentimento, livre e esclarecido, assinados pelos alunos e por seus responsáveis legais.

Número	Nome fictício
Aluno 1	Jezebel
Aluno 2	Maria
Aluno 3	Noé
Aluno 4	Abraão
Aluno 5	Rebeca
Aluno 6	Sara
Aluno 7	Raquel
Aluno 8	Débora
Aluno 9	Talita
Aluno 10	Marta
Aluno 11	Isaac
Aluno 12	Jacó
Aluno 13	Moisés
Aluno 14	Lia
Aluno 15	Rute
Aluno 16	José
Aluno17	Israel
Aluno 18	Melquisedeque

Obs.: Os números aqui elencados não guardam relação com os registros dos alunos no documento escolar, diário de classe.

Esta aula normalmente aconteceria das 13h20 às 14h10, entretanto, em função da aplicação da Unidade Didática, acordei com a gestão e com a professora responsável pela turma, um horário alternativo que corresponderia a uma aula subsequente para que pudesse preparar o espaço e os materiais que seriam utilizados, portanto a aula ocorreria das 14h10 às 15h.

C.O.: Este é um fator importante que deve ser assinalado ao pensarmos em uma unidade didática que demande muita preparação e organização prévia para sua execução. Deve haver um tempo livre antes de cada aula para que o docente organize todos os materiais e recursos que serão utilizados, algo que, na rotina sobrecarregada, pode se apresentar inviável.

Conjuguí o verbo ocorrer no futuro do pretérito, porque de fato a aula não aconteceu no horário previsto em função da aplicação de um simulado do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) que aconteceu nesse dia, ocupando os três primeiros horários, de modo que a aula iniciou às 15h e terminou às 15h50.

C.O.: Esse fato foi também impactante no espírito com o qual os alunos chegaram e acolheram a primeira aula da unidade didática, o que para mim foi um pouco frustrante.

É importante ressaltar que, avaliando o contexto e identificando a cultura que se cultivava – antes da minha chegada – na escola em relação à Educação Física que, em síntese, resumia-se ao “rola bola”, optei, na minha atuação docente com as turmas remanescentes dessa época de abandono do trabalho docente, por privilegiar o ambiente externo, na maioria das vezes a quadra, para ministrar, mesmo os conteúdos ditos teóricos da Educação Física, os quais busco transmitir e avaliar oralmente para que a dinâmica da aula rompa, ainda que por pouco tempo, com a clausura das salas, cadeiras e lousas. Entretanto, sempre que necessário, realizamos parte das aulas dentro da sala ou na biblioteca onde contamos com recursos audiovisuais, o que geralmente os desagrada.

Essa reunião de fatores fez com que o nosso início não fosse dos mais promissores. Ainda que os alunos soubessem que as duas primeiras aulas seriam na sala, e predominantemente teóricas, não obstante os momentos práticos de preparação, tal cenário fez com que eles esboçassem reações de rejeição e crítica ao fato de, após três horas de prova, terem de permanecer sentados.

C.O.: Outros fatores que merecem destaque para contextualizar a turma com a qual o trabalho está se desenvolvendo é o analfabetismo, a situação de vulnerabilidade socioeconômica, além do baixo repertório cultural entre outros aspectos dessa natureza que marcam a realidade da maioria dos alunos, não apenas dessa turma, mas de toda a

escola. A pandemia certamente agravou vários desses aspectos de modo que podemos verificar as consequências desastrosas que ainda reverberam no cotidiano escolar.

A despeito de todas as mazelas com as quais precisamos lidar no cotidiano escolar, o trabalho deve continuar e em meio a algumas manifestações de contrariedade intercaladas por amostras de entusiasmo, prosseguimos com a nossa primeira aula, na qual solicitei que desenhassem o que significava o lazer para cada um deles, ao que Jezebel exclamou: -- “Eu não sei o que é lazer”. Eu repliquei dizendo que ela desenhasse aquilo que ela imaginava ser o lazer, ou ainda, o que ela gostaria que ele fosse.

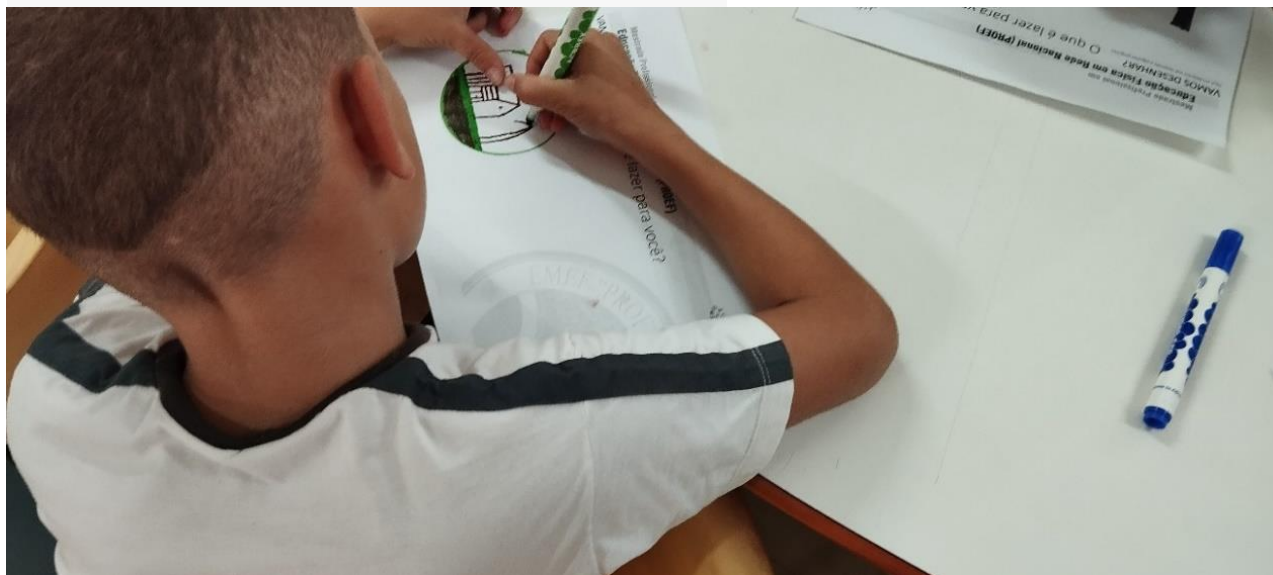
C.O.: Nesse aspecto percebi sinceridade nas respostas que se materializavam por meio dos desenhos por eles confeccionados. Foi possível notar em suas expressões de dúvida, ao se entreolharem uns aos outros, e por meio de comentários paralelos trocados em tom de sussurro, que a maioria também não tinha certeza do que fosse o lazer, manifestando a necessidade de conscientização acerca do tema.

Muitos associaram a ideia de lazer com o descanso, elemento que também está presente na concepção de Dumazedier (1973) ao afirmar que “às ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se[...]” constituem o lazer.

C.O.: Apesar das críticas de alguns autores que alegam que o descanso é uma necessidade vital humana e que, portanto, não poderia ser considerada uma atividade de lazer, na medida em que descansar estaria mais associado ao ócio que significaria não fazer nada, compreendo que descansar não significa nada fazer, senão distrair-se em atividades que exigem menor esforço ou esforço distinto mudando de atividade, de modo que se estou cansado de um trabalho intelectual descansarei dele realizando alguma atividade manual ou predominantemente física, que por vezes será até mais desgastante sob certo aspecto, mas diferente daquele abatimento do qual já estou fatigado.

A realidade virtual foi outro elemento muito presente nos desenhos confeccionados pelos alunos, na medida em que associaram o lazer ao tempo em que podem utilizar seus aparelhos celulares seja para jogarem, para interagirem em redes sociais ou mesmo para assistirem vídeos em aplicativos de reprodução e armazenamento.

C.O.: Nesse momento eu passava pelas mesas tentando vislumbrar o que eles desenhavam os questionando sobre o que estavam associando ao lazer.



Ao fazer isso com a aluna Rebeca, ela respondeu, enquanto desenhava-se deitada na cama, com o celular conectado à tomada: -- “Eu só gosto de ficar no celular, vendo vídeo e dançando TikTok”.

C.O.: Essa, certamente, me pareceu uma nota de campo fértil, na medida em que aponta claramente aspectos importantes relacionados ao objetivo da pesquisa.

O aluno Moisés associou o ato de ir embora da escola como sendo um momento de lazer, e quando questionado explicou que se referia à perspectiva do tempo livre, na medida em que com o término do período escolar ele deixa de estar coagido pelo tempo em que obrigatoriamente deve permanecer realizando seus deveres escolares.

Alguns apontaram a piscina como um momento de lazer, bem como as atividades do dia das crianças que se aproxima, como o pula-pula e o escorrega, promovidos pela escola.

C.O.: É interessante perceber que nenhum dos alunos associou as aulas de Educação Física como sendo um momento oportuno para vivenciar atividades do contexto do lazer, e quando questionados sobre isso apontaram para a obrigatoriedade da participação nas aulas e realização das atividades propostas, bem como alguns conteúdos que não os agradam como os obstáculos para que as aulas sejam efetivamente consideradas momentos em que se promove ações nessa perspectiva.

Não obstante, após essa provocação perceberam que, dado o contexto escolar, no qual não gozam mais de tempo de intervalo como anteriormente, as aulas são sim um momento para desfrutar de atividades do âmbito do lazer, mesmo diante de atividades desinteressantes, como apontaram.

Além de dormir e usar o celular, a aluna Jezebel destacou os momentos em família como sendo de lazer, segundo sua percepção.

Empinar pipa e jogar bola na rua também apareceram como atividades do contexto do lazer das quais eles desfrutaram em seu tempo livre.

C.O.: O contexto da periferia ainda preserva esse hábito infanto-juvenil de brincar na rua, o que é muito interessante de se constatar, pois um comportamento outrora tão amplamente verificado agora permanece apenas em conjunturas específicas, às quais, muitas vezes, não destinam espaços adequados para tanto.

Um comentário recorrente manifestado por muitos alunos foi a falta de tempo livre para fazerem o que quiserem, pois além das atividades acadêmicas com as quais precisam cumprir, muitos se vêm comprometidos com os cuidados da casa, com irmãos mais novos, ou mesmo com auxílio aos pais em trabalhos como: recolher materiais recicláveis, tarefas de sítio etc.

C.O.: Esses exemplos retratam a restrição do direito de acesso dos alunos aos espaços e tempos próprios para as atividades do contexto do lazer, o que demonstra a impossibilidade de acesso estes espaços e tempos, ao que transmitiram a ideia de não haver lugar próprio para isso.

Esta é uma realidade vivida por muitos no bairro onde está localizada a escola, algo que certamente impacta na relação que estabelecem com a escola e com tudo o que nela se desenvolve.

Uma ideia presente em nossa conversa, que pude apreender, nas entrelinhas diz respeito à condição econômica como limitadora do acesso as atividades do contexto do lazer.

Após conversarmos sobre os desenhos que haviam confeccionado, iniciei a apresentação do conceito de lazer segundo os interesses culturais, elucidando pontos importantes no intuito de ampliar a compreensão dos alunos acerca do fenômeno.

Como anteriormente citado, esta turma tem um perfil que apresenta sérias dificuldades nos aspectos acadêmicos escolares, seja na alfabetização ou mesmo no comportamento e na capacidade de manter a atenção focada no objeto de estudo apresentado. Esse fato dificultou o transcorrer da aula, pois iniciavam conversas paralelas, desviando, em diversas oportunidades, o foco do assunto principal.

Nesse sentido busquei apresentar com dinâmica os pontos fundamentais dos conceitos, bem como cada um dos interesses culturais do lazer que compõem a ideia geral, mas percebi que havia muita conversa paralela e desatenção de grande parte dos alunos. Este é um problema recorrente que afeta substancialmente a aprendizagem dessa turma.

Continuei a exposição abordando agora os aspectos legais que fundamentam os direitos de acesso de todos os cidadãos aos espaços e tempos destinados às vivências do âmbito do lazer. Busquei questioná-los sobre a importância da existência desses direitos, bem como sobre os interesses culturais apresentados.

Jezebel, que é certamente a aluna mais participativa e interessada da turma, haja vista seu rendimento acadêmico e a maneira como se porta diante das situações em aula, comentou que ficou impressionada ao saber que o lazer encerra tantas possibilidades e que é muito bom saber que tudo isso é direito garantido por lei, ainda brincou afirmando que pediria um ônibus para levá-los à praia e caso fosse negado, denunciaria ao prefeito, já que lazer é lei.

C.O.: A conscientização é um processo de apreensão de conhecimentos que nos mune de instrumentos para estabelecer relações com aspectos da realidade que nos cerca, o que pude observar nas conclusões a que Jezebel e os alunos foram chegando, após a exposição.

Terminada a apresentação solicitei aos alunos que confeccionassem outro desenho sobre o que – dada toda explanação – seria lazer em suas opiniões, de modo a verificar se apreenderam novas possibilidades e ampliaram seu repertório em decorrência da exposição.

Mesmo com a aparente falta de concentração no objeto de estudo e com as conversas paralelas que conduzem a brincadeiras e piadinhas ao longo da aula, para minha satisfação, os novos desenhos apresentaram vários exemplos dos conteúdos culturais do lazer que foram anteriormente expostos na apresentação. Algo recorrente, por exemplo, entre as meninas, foi a confecção de pulseiras e colares de miçanga, atividade a qual elas têm se dedicado muito no tempo livre do qual dispõem. Empinar pipa apareceu com mais força desta vez, bem como jogos de tabuleiro, atividades culinárias, brincar na rua, ouvir música, dançar, lutar, jogar bola, cantar, assistir filmes etc.

C.O.: É interessante notar como o entendimento acerca do fenômeno lazer é algo que, por vezes, não está presente no nível da consciência, mas que com um pequeno direcionamento, emerge do nosso íntimo e manifesta esse elemento fundante da natureza humana.

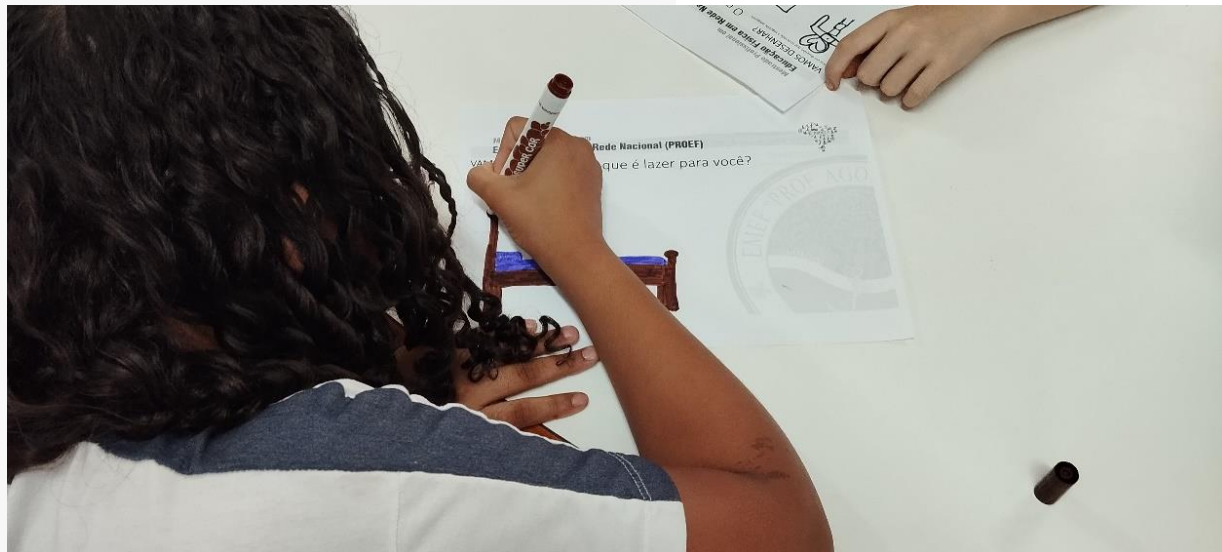
Os alunos, como eles próprios relataram, se apropriam dos espaços públicos, ou fazem uso do espaço de suas casas, mesmo quando não perfeitamente adequados, mas ainda sim imprimem na realidade suas pulsões e vivem seus momentos de experiências do âmbito do lazer, ainda que sem trazer isso para consciência reflexiva.

Ao final da aula realizamos uma roda conversa na qual os alunos expuseram quais as suas expectativas em relação às aulas, o que compreenderam sobre a legislação, e quais as oportunidades que possuem de vivenciar situações do âmbito do lazer em suas vidas.

Jacó afirmou estar bastante empolgado com a realização da unidade didática porque será um momento de poder realizar atividades diferentes das que estão acostumados. Disse que a lei não funciona muito para eles, pois sabe que muitas coisas são leis, mas não acontecem, pois são “pobre”. Pedi para que desse um exemplo, ele não soube dizer, mas relatou que ouve a mãe dizer que a lei não é igual para todos. Seus espaços para práticas do lazer são a rua, a quadra da escola pela noite quando vem jogar futsal, a praça perto de casa, bem como alguns terrenos baldios espalhados pelo bairro.

A aluna Maria, relatou que não está muito contente com a aplicação da unidade didática, pois ela gosta de jogar queimada e brincar de rouba bandeira nas aulas de Educação Física, mas imagina que não haverá momentos para isso durante a unidade e que provavelmente haverá mais aulas teóricas. Seus espaços de lazer são sua casa e na escola conversando com as amigas.

O aluno Moisés, também é muito participativo e interessado, ele afirmou que é muito importante saber que o lazer é um direito para podermos cobrar das autoridades o seu cumprimento. Ele participou da eleição de prefeito e vereador mirim realizada na escola, por isso já esteve envolvido com esse contexto político. Disse que todo lugar, para ele, pode ser um espaço de lazer, depende do que estará fazendo naquele momento. Afirmou que, inclusive no culto religioso que frequenta com os pais, há momentos em que está com os amigos, e que para ele configura uma situação de lazer. Afirmou que gosta muito de jogos eletrônicos on-line, pois além de poder jogar pode também interagir e manter o contato com os amigos que estão geograficamente distantes.



C.O.: Eu fiquei impressionado com a fala de Moisés, e inclusive me inspirei nele para a escolha dos nomes fictícios, pois ele costuma falar bastante dos personagens bíblicos e por isso dei-lhe a oportunidade de escolher seu próprio nome. Sua percepção acerca da condição e natureza das atividades que realiza com a relação que estabelecem com o lazer foi muito sofisticada.

Israel relatou que gosta muito de cavalos e de cuidar dos porcos, atividade que desempenha em auxílio ao pai. Para ele, as atividades que são prazerosas são consideradas de lazer, porque ninguém o está obrigando a realizá-las.

C.O.: Sabemos que o prazer não é o único elemento que caracteriza uma atividade como sendo proveniente do contexto do lazer, mas esse me pareceu ser o ponto central da compreensão dos alunos e algo que encerra uma certa visão estereotipada em relação ao tema frequentemente caracterizada pela dicotômica indagação: você faz isso por obrigação ou por prazer? Como se as duas fossem as únicas possibilidades de se conceber a justificativa de uma ação humana.

O aluno Melquisedeque relatou que não faz nada porque não pode e não há lugar apropriado. Ele vive apenas com sua avó que não o deixa sair e que conta com poucos recursos dentro de sua casa. Alegou que às vezes assiste vídeos no YouTube, pelo celular da avó, mas que ela não permite que ele o faça por muito tempo, pois acaba com a internet.

Houve a realização da auto avaliação registrada no diário de classe, com os alunos se atribuindo uma nota entre 5,0 e 10,0, além de dizerem uma palavra ou frase que resuma sua participação ou percepção da aula.

Eles são muito sinceros ao realizarem esta tarefa, pois já a praticamos há muito tempo, e eles perceberam que, apesar da nota dada por eles ser considerada na composição final, o aspecto atitudinal também está sendo avaliado, o que os pode fazer perder pontos, caso não sejam assertivos nesse momento. E com isso encerramos a primeira aula.

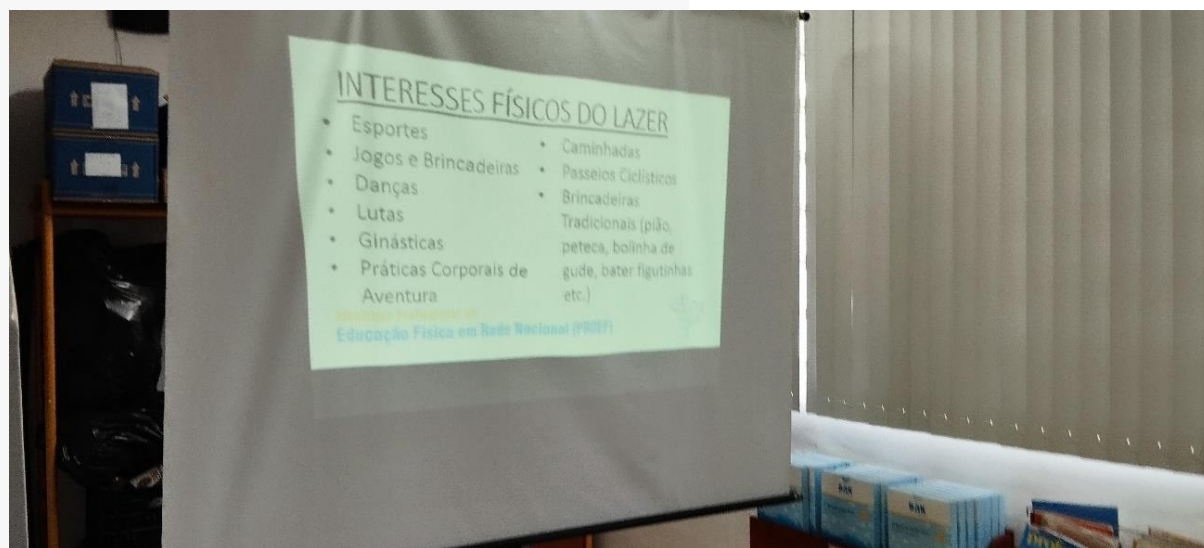
Na segunda aula da unidade didática sobre os interesses culturais do lazer a proposta era a de que nós realizássemos um planejamento conjunto entre professor e alunos, de modo que, a partir dos conhecimentos expostos e dialogados na aula anterior, as ações das aulas seguintes fossem definidas em consonância aos objetivos gerais da unidade didática.

C.O.: Para esta segunda aula, pude notar, pelas feições e comentários dos alunos, que o ânimo já estava renovado e que estavam mais comprometidos e conscientes da realização da unidade didática.

Ainda assim, iniciei com uma breve conversa, antes de levá-los da sala de aula para a biblioteca, onde aconteceria nossa aula, enfatizando a importância da realização desse projeto, e de como eles foram escolhidos em detrimento de outras turmas, algo que já havia feito quando da apresentação prévia da pesquisa e da coleta da assinatura dos termos de assentimento.

A estratégia surtiu efeito e fomos da sala de aula para a biblioteca, na qual a estrutura audiovisual estava preparada para o início da segunda aula. Com isso iniciamos retomando cada um dos interesses culturais do lazer, bem como conhecendo a estrutura da unidade didática.

Os alunos foram separados em pequenos grupos os quais receberam cartolinas e canetinhas. Em seguida passamos para o planejamento propriamente dito, iniciando pelo interesse físico do lazer.



C.O.: O futebol exerce sobre os alunos uma influência grande devido ao contexto do nosso país e pelas condições de acesso ao jogo, e certamente seria uma das atividades sugeridas pelos alunos para que fosse desenvolvido durante essa aula, sobretudo em virtude das minhas aulas não contemplarem esse conteúdo, por se tratar de especificidade do segundo ciclo do fundamental, e para evitar cair no lugar comum de seu cotidiano.

E não foi diferente do que eu havia previsto, o futebol foi a primeira atividade sugerida com muita ênfase, especialmente pelos meninos. Eles gritavam: Futebol, a gente quer, futebol. As meninas estavam um pouco tímidas em suas sugestões. Raquel e Débora sugeriram queimada, que recebeu apoio de Maria, mas foi rechaçada pelo restante do grupo que argumentou que se trata de atividade recorrente nas aulas e que gostariam de coisas diferentes.

Sugeri que olhassem nas possibilidades listadas na apresentação de slides, e logo as meninas vislumbraram a dança como algo interessante a ser vivenciado.

C.O.: É interessante observar, que este conteúdo está previsto nas aulas regulares como unidade temática do planejamento anual, e que, quando de sua execução, sofre alguma rejeição por grande parte dos alunos, que como salientado anteriormente, possuem um repertório corporal estreito e que preferem ficar no conhecido e seguro.

Contudo, esses motivos não impedem que os conteúdos sejam ministrados e que o planejamento anual seja seguido, de modo a ampliar o repertório dos alunos enquanto os insere nas atividades historicamente consagradas e desenvolvidas pela humanidade.

Muitos citaram a bicicleta como atividade física que gostariam de vivenciar como do contexto do lazer durante a aula de Educação Física, e desse modo as atividades que foram definidas para a aula foram: futebol, dança e bicicleta.

C.O.: Entretanto, como um dos principais objetivos da aplicação da unidade didática trata-se de implementar uma educação para o lazer, faz-se necessário ampliar, não apenas as possibilidades hipotéticas e ideais de tempos e espaços destinados às práticas do âmbito do lazer, mas de efetivamente concretizar a execução de tais situações para que de fato a vivência dos alunos seja enriquecida e ampliada, aportando mais horizonte em suas escolhas futuras.

Nesse sentido, defini o ultimate frisbee como atividade final a ser realizada na aula dos interesses físicos do lazer. Eles ainda não tiveram contato com esta modalidade e se mostraram entusiasmados para a chegada do dia.

Encerrando a aula dos interesses físicos partimos para o planejamento dos interesses intelectuais do lazer.

C.O.: A palavra intelectual causa, de algum modo, nos alunos certa repulsa, pois a associam instantaneamente com atividades que não guardam relação com o aspecto físico-motor, dito de outro modo, significa em suas percepções que a aula não será realizada na quadra e que não haverá dinamismo e movimento em sua execução.

CO.: A expectativa dos alunos em relação às aulas de Educação Física esteve sempre muito relacionada com o espírito de liberdade que é também elemento constitutivo do fenômeno do lazer, entretanto, para eles, esse valor, pelo que pude notar ao longo dos anos, está muito mais relacionado com a ausência total de intervenção e direcionamento em suas ações pedagógicas na Educação Física, do que propriamente com um valor que fazem questão de cultivar em suas práticas.

Enfatizei o aspecto da ludicidade presente no jogo como estratégia de motivação, pois percebi que não estavam empolgados com esse interesse, sugerindo que em si mesmo, o interesse intelectual, já atuaria como ampliação do repertório de conhecimentos e vivências das práticas relacionadas ao lazer corroborando uma educação para o lazer, na medida em que poucas das possibilidades apresentadas já haviam sido por eles vivenciadas ou mesmo conhecidas.

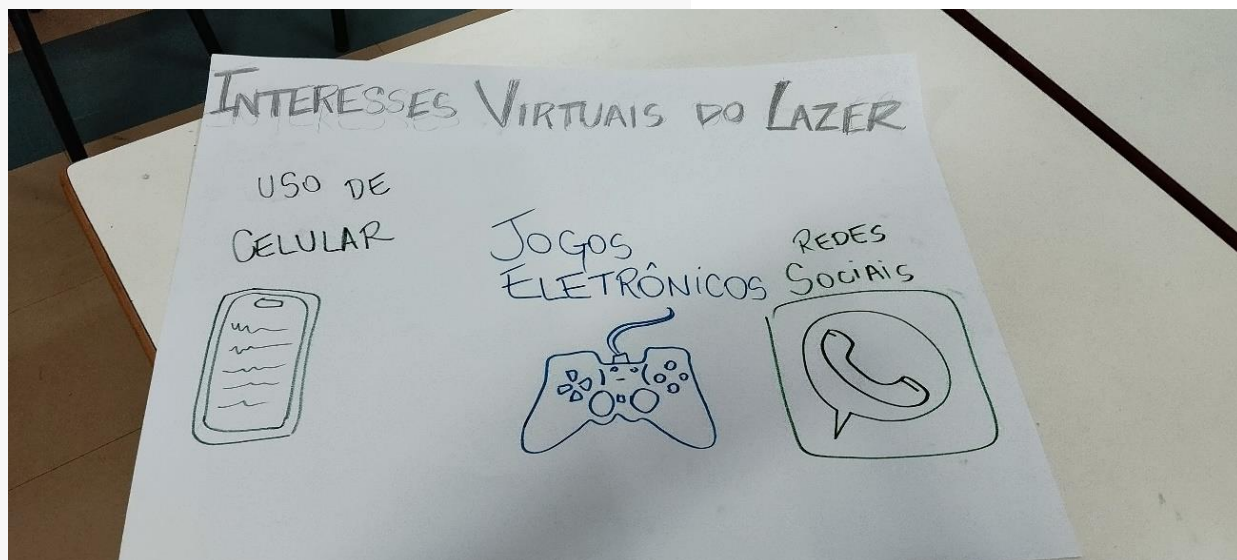
Portanto, os escolhidos foram jogos de raciocínio, de mesa e de tabuleiro, tais como: stop, palavra cruzada, sudoku, uno, cara-a-cara, caça palitos, cilada, caiu perdeu, WAR, banco imobiliário, dominó, quebra-cabeças e ludo.

Para a quinta aula planejaríamos as atividades dos interesses sociais do lazer e desse modo selecionei o slide correspondente na apresentação o qual continha diversas possibilidades de ações relacionadas a tal interesse.

Dentre todas as possibilidades que foram cogitadas a realização de um piquenique foi a mais desejada, na medida em que agregaria tanto o aspecto da partilha alimentar, reunidos em volta de uma toalha para comer, bem como o do bate-papo menos formal enquanto se ouvia música.

A sexta aula trataria dos interesses virtuais do lazer, o que, ao contrário dos interesses intelectuais, os deixou completamente empolgados, especialmente com a possibilidade de poderem trazer seus aparelhos celulares para a escola.

Foram apresentadas diversas possibilidades de atividades virtuais, desde os jogos eletrônicos até visitas virtuais a museus e lugares históricos. As atividades mais aderidas foram uso de aplicativos de reprodução de áudio e vídeo em aparelhos celulares e jogos eletrônicos como e-games.



A fim de ampliar o repertório dos alunos e modular sua relação com os aparatos eletrônicos, optei por trazer uma mesa digitalizadora para que realizassem desenhos virtuais e também combinei com os alunos que faríamos um passeio pelo mundo utilizando a ferramenta do google earth.

Para a sétima aula o interesse definido foi o turístico. Esse, sem dúvida é dos interesses que mais demandam planejamento e organização para sua efetiva implementação, na medida em que não está vinculado exclusivamente às decisões docentes a depender dos caminhos que forem escolhidos. Nesse caso, em conversa prévia com a gestão da escola, duas possibilidades foram cogitadas, mas sem que nenhuma fosse realmente garantida. A primeira foi uma visita ao parque estadual de Porto Ferreira e a segunda foi assistir a uma peça de teatro na cidade vizinha de Pirassununga, algo que contemplaria muito bem o interesse artístico do lazer, mas as duas dependeriam de prévia solicitação de condução e de sua posterior confirmação.

Deixamos as duas possibilidades em aberto aguardando as possíveis confirmações, mas preparamos uma caminhada pelas adjacências da escola, que apesar de já serem local conhecido por muitos, há alguns que vivem em bairros vizinhos e que não costumam frequentar o bairro no qual está localizada a unidade escolar.

C.O.: O que de fato acabou se concretizando, na medida em que as outras opções não foram efetivadas pela escola, já que o município estava sem o funcionário responsável por designar o transporte para atividades extracurriculares. Foi muito interessante e proveitoso, especialmente para mim, que já conhecia uma pequena parte do bairro, mas não tinha a real noção da realidade a qual muitos alunos estão submetidos, especialmente nas moradias remanescentes do assentamento.

Para oitava aula, o planejamento estava direcionado aos interesses artísticos do lazer e a exemplo dos outros, foram manifestadas diversas possibilidades de atividade relacionadas ao lazer artístico.

C.O.: Este interesse é também, independente das atividades que se proponham, um conteúdo com o qual os alunos têm pouquíssimo contato, pois as aulas de educação artística, que poderiam ser uma ocasião propícia para que estabelecessem relação mais próxima com o tema, na maioria das vezes, são negligenciadas devido a alta demanda dos currículos que precisam ser aplicados na íntegra e pela ausência de profissionais especializados ministrando aulas desse componente curricular, nesta etapa de ensino.

As atividades mais estimadas pelos alunos foram: pintura e modelagem e escultura. Seguindo a estratégia de ampliação do repertório dos alunos em relação às atividades de cada um dos interesses culturais do lazer, mesmo que, como anteriormente salientado, quaisquer atividades de determinados interesses já configuram novidade e, portanto, ampliação do horizonte cultural e do lazer dada a conjuntura sociocultural da qual provém a maioria dos alunos. Sugeri ainda que realizássemos fotografias artísticas do ambiente escolar com temas a serem definidos.

C.O.: Essa ação foi inspirada em atividade semelhante que ocorrera na disciplina de lazer, ministrada durante o curso do ProEF e pensada ainda como possibilidade de estabelecer relação com o interesse virtual do lazer.

A nona aula não fez parte do planejamento participativo, pois eu já havia estabelecido que para o interesse manual do lazer a atividade principal seria a confecção de pipas, na medida em que a décima aula será um festival, no qual os alunos empinarão as pipas por eles confeccionadas, em uma praça perto da escola.



C.O.: Apesar das atividades já estarem previamente definidas, ficou evidente, pela manifestação dos alunos, que na aula sobre os interesses manuais do lazer a confecção de pipas seria forte candidata a ocupar o lugar de destaque para maioria dos alunos.

Estando com todas as atividades programadas para a sequência da nossa unidade didática, registramos com fotos os cartazes confeccionados pelos alunos com os interesses correspondentes a cada aula, em seguida, realizamos uma roda de conversa para avaliar nossas escolhas e estimar a expectativa em relação à implementação das aulas.

Os interesses que mais os deixaram empolgados foram o físico, o social e o virtual. O interesse físico fez brilhar os olhos dos alunos por conta do desejo reprimido de jogar futebol na aula que a maioria dos meninos sustenta, já que este é um tema em cuja ênfase se concentra no segundo ciclo do ensino fundamental e esta seria uma grande oportunidade para que fosse levado a cabo.

O interesse social chamou atenção em função das possibilidades de atividades relacionadas à conversação e ao desfrute de uma alimentação diferente a que compõe o cardápio cotidiano dos alunos.

Por fim, o interesse virtual os deixou interessados em função da possibilidade de trazerem seus aparelhos celulares para a escola, bem como pela oportunidade de vivenciarem jogos e atividades virtuais em um ambiente em que tais acontecimentos não ocorrem com grande frequência e que por vezes sofrem até restrição ou mesmo proibição, no caso dos celulares.

Cheguei à sala de aula e prontamente percebi a euforia que tomava conta do ambiente, tamanha a expectativa criada para a realização das atividades físicas por eles tão almejadas. Após a realização da chamada, ainda em sala, relembrei com eles a dinâmica do nosso planejamento, quais as atividades comporiam a nossa aula e como seria o seu desenvolvimento.

Conforme planejamento participativo os conteúdos definidos para esta aula foram futebol/futsal, danças e passeio de bicicleta, houve ainda o acréscimo do ultimate frisbee. O passeio ciclístico na área externa da escola foi inviabilizado pela ausência de bicicletas suficientes para todos os alunos, de modo que aqueles que as possuísem, as levariam para passear ao redor da quadra, na área interna da escola. Haverá também a realização do jogo de futsal. Esse esporte possui uma alta demanda quase nunca correspondida nesta etapa de ensino que privilegia jogos e brincadeiras em detrimento do esporte, mais frequente na segunda etapa do ensino fundamental. O público feminino majoritariamente optou pela dança enquanto conteúdo genérico, nenhum estilo foi especificado. Nesse sentido, decidimos em planejamento que três momentos seriam realizados nos quais as atividades se desenvolveriam.

C.O.: A ideia de introduzir o ultimate frisbee foi no sentido de ampliar o repertório dos alunos e de concretizar uma educação para o lazer ao passo que se fomenta uma educação pelo lazer, pois esta é uma atividade que não costuma fazer parte do cotidiano dos alunos, não obstante seja algo acessível de ser praticado por eles.

Os alunos ficaram surpresos ao receberem a notícia e, de modo geral, empolgados, sinalizando que já conheciam essa atividade com o nome de disco, pois viram pela TV. Aproveitei para explicar a dinâmica do esporte utilizando a lousa como apoio, de modo que desenhei as linhas enquanto esclarecia as ações do jogo. Em seguida fomos para a quadra para dar início à nossa aula.

C.O: Houve uma divisão clara de interesses em relação às atividades previstas para a aula. Entre os meninos, houve predomínio de interesse pelo futebol, enquanto as meninas queriam logo dançar. Entretanto, como determinado em planejamento, todos os alunos deveriam experimentar todas as atividades.

Iniciamos a aula, portanto com o diálogo inicial de modo que eu explicava a estrutura da aula enquanto os alunos ouviam atentos e em seguida manifestavam suas opiniões sobre a dinâmica escolhida.

Algumas meninas como, Rebeca, Rute, Lia e Sara disseram que não gostariam de jogar futebol. As outras meninas aproveitaram a fala das primeiras para também manifestarem no mesmo sentido.

Respondi dizendo que, no momento da dança os meninos também deveriam participar, e elas concordaram.

Ainda com algum descontentamento por parte das meninas os alunos iniciaram o primeiro momento da vivência.

C.O.: Algo que é bastante comum em relação ao futebol na escola é que os alunos desejam muito realizar essa atividade, mas quando, por ventura ela acontece, evidenciasse que eles não conhecem, em geral, as regras e jogam de forma anárquica em referência não ao esporte de rendimento, mas ao jogo organizado e fluido.

E assim se deu o primeiro momento de vivência, ao que reuni a turma para a primeira conscientização.

Nesse momento as primeiras queixas das meninas já apareceram, alegando que os meninos não lhes passavam a bola. Questionei-lhes se o futebol é um esporte individual ou coletivo, ao que responderam coletivo, mas as meninas não sabem jogar. Repliquei perguntando como elas aprenderiam se não recebem a bola. Silenciaram.

Falei sobre a ocupação de espaços e sobre como você não precisa correr atrás da bola para todo lugar em que ela vá. Eles compreenderam e voltaram a jogar, dessa vez com a regra que só valeria marcar gols depois que a bola passasse por pelos menos duas meninas.

Voltaram para a vivência condicionada, na qual o jogo ocorreu com um pouco mais de fluidez, mas ainda assim, o impulso de perseguir a bola falava mais alto, de modo que essa postura embolava muito o jogo. Dessa vez houve maior participação das meninas.



Finalizamos esse momento com uma breve reflexão sobre as mudanças, ao que Noé exclamou: É, professor, se a gente não correr atrás da bola tem mais espaço para jogar.

Exatamente, respondi, e os indaguei sobre esse segundo momento, se o jogo ficou mais fluído. Eles assentiram. As meninas insistiram que não gostaram da experiência.

Eu disse que elas precisam se abrir para o novo e ter paciência com os meninos, pois eles amadurecem mais tardiamente, em tom descontraído.

Na segunda vivência, de cara recebi a pergunta em uníssono, por parte das meninas:
A gente pode dançar TikTok, sor?

C.O.: Nesse momento, respirei profundamente e qual a um pai, que na educação de seus filhos, não quer pecar pelo excesso de rigidez, o que poderá causar uma rejeição e um fechamento para o diálogo, tentei aproveitar a motivação que me trouxeram para introduzir uma nova perspectiva em seus horizontes culturais.

Nesse sentido, acordei com eles que poderiam dançar TikTok, desde que não fossem músicas e vídeos com palavras e gestos vulgares, e com a condição que depois arriscassem a dança do ventre, e o forró pé de serra, ao que fui mostrando alguns vídeos no celular, e todos concordaram.

C.O.: A maioria dos alunos são provenientes do Nordeste, quando não nasceram lá, já viveram em algum momento de suas vidas, ou ainda convivem com parentes próximos que tem sua ascendência atrelada àquela região, que tem no forró uma de suas expressões artísticas mais proeminentes. Foi interessante perceber como essa relação não mais os influencia ou fica em segundo plano se comparada às outras influências que agora predominam em seu imaginário, especialmente o funk.

Enquanto dançavam, algum aluno passeava na única bicicleta trazida por Raquel. Eles foram revezando e puderam também vivenciar essa atividade.

C.O.: a condição social da maioria dos alunos é realmente muito precária, de modo, que são poucos aqueles que realmente possuem uma bicicleta. Nesse momento tracei um paralelo com a minha própria infância que também foi um tanto difícil, na medida em que fui criado apenas pela minha mãe, sem nenhum contato com meu, pai, e um dia também quis muito uma bicicleta, mas minha mãe não tinha condições de comprar.

Os chamei para uma conscientização rápida acerca dos aspectos anteriormente citados em relação ao regionalismo e suas preferências, ao que Débora respondeu que sua mãe ouve forró, mas é misturado com batidão, mas que ela prefere funk mesmo, ou Ana Castela.

Partimos para a última vivência que foi explicada na sala e lembrada naquele momento. Comentei sobre a lógica dos esportes de invasão e como havia semelhanças com a primeira vivência do futebol na disposição e ocupação de espaços.

Quando iniciamos era como se eu nada tivesse falado. Todos queriam agarrar o frisbee, torando o jogo caótico, no que se refere a organização e fluidez que ele pode encerrar.

Fiz uma pequena pausa para alertá-los sobre isso, mas não adiantou muito. Continuaram correndo todos, ao mesmo tempo, atrás do frisbee.

C.O.: Não conseguiram marcar nenhum ponto, o que foi um pouco frustrante para mim. Apesar de saber que aquela era apenas uma pequena experimentação e que uma aula, ou um conjunto delas, certamente abordaria o esporte de uma maneira mais desmembrada, ainda assim o sentimento quando algo não ocorre como o esperado é ruim. Vale ressaltar que nas vivências práticas os alunos parecem se transformar. Seu comportamento fica mais equilibrado do que quando têm de ficar na sala.

Finalizamos com a reflexão final acerca da aula toda, de modo que os questionei se conseguiram perceber a predominância do elemento físico presente nessa aula, ao que todos assentiram com a cabeça.

Pedi que falassem sobre as experiências. Jacó disse que adorou o frisbee e que gostaria muito de poder jogar em outro momento.

Algumas meninas reiteraram a questão do futebol, que não foi atrativo para elas, pois não participaram devidamente do jogo.

Isaac sugeriu que a escola tivesse bicicletas para que o nosso passeio ciclístico fosse viabilizado, e assim encerramos a terceira aula.



A nossa quarta aula da UD foi sobre os interesses intelectuais do lazer. Ao chegar na sala de aula, esboçaram uma reação de alegria, mas ao lembrarem que hoje nossa aula seria sobre os interesses intelectuais, rapidamente fecharam o semblante demonstrando todo seu desânimo.

C.O.: Quando da minha vida escolar, não havia mediação docente nas aulas de Educação Física. Isso ocorreu durante toda a minha passagem pela educação básica, o que certamente deixou marcas, ou melhor, não deixou marcas e sim uma ausência. Não obstante, isso me ajuda a compreender a rejeição dos alunos a qualquer tema que seja diferente daquilo que estavam acostumados ou que gostam de fazer. Eu percebi isso desde quando iniciei meu trabalho nessa escola, mas sei que isso é frequente em muitos lugares do Brasil.

Após a chamada fomos para a sala que eu havia preparado com as estações devidamente separadas e organizadas.

C.O.: Assinalo novamente a questão do tempo de preparação, pois me parece fundamental para aplicação de uma UD com essa demanda de preparação, que se tenha disponível tempo suficiente para organizar todo o necessário. Realmente me pergunto se isso é possível em todos os contextos.

Na conversa inicial, pedi que se atentassem para o principal aspecto dessa aula, ou desse interesse e que haveria uma organização rotativa para que todos pudessem passar pelas estações, e com isso iniciamos.

Na estação do ludo, havia também o jogo Stop, já bem conhecido por eles e que ficaram admirados de poderem jogar durante uma aula.

Havia também a estação do cara-a-cara, uma novidade para os alunos. Eu expliquei rapidamente a dinâmica do jogo e passava para conferir se tudo estava bem.

Outro jogo intelectual que estava disponível em uma das estações era o caiu perdeu. O jogo consiste em retirar bloquinhos de madeira de uma torre e continuar empilhando em cima dessa mesma torre até que não seja mais possível sustentá-la e ela cai. A maioria dos alunos alegou já conhecer esse jogo.

C.O.: Aos poucos a feição de desânimo foi dando espaço a empolgação e entusiasmo com as atividades disponíveis, ao passo que percebiam que intelectual não é sinônimo de fazer lição, como alguns imaginaram.

Eu trouxe um clássico dos jogos de tabuleiro e mesa, o banco imobiliário, o que gerou muita animação. Todos queriam começar nesta estação, mas eu logo os adverti que não seria possível terminar as partidas, que normalmente podem demorar horas para acabar.

Jezebel disse que já havia jogado com sua prima e que gostava bastante desse jogo, ao que perguntei se ela reconhecia esses momentos em que jogava com sua prima, como vivências do contexto do lazer? Ela respondeu que nunca havia parado para pensar sobre isso, mas que ela achava divertido.

Outra estação que estava disponível para os alunos, que poderia ser vivenciada individualmente ou em dupla era a do jogo cilada. Este é um excelente jogo que trabalha a noção espacial enquanto o jogador tenta realizar a combinação perfeita de peças para encaixá-las todas no tabuleiro sem que sobre espaços. Eles também gostaram bastante desse jogo que era novidade para eles.

O jogo Uno, também recebeu uma estação, o que causou muito espanto, ainda mais que o stop, pois esse tipo de atividade costuma ser estritamente proibida na escola. Portanto, eles se viram fazendo algo irreverente no ambiente escolar.

. Havia ainda a estação do dominó, que não recebeu muita atenção, pois já é um jogo conhecido da maioria deles e, talvez, como havia tantas outras opções diferentes e novas, ele tenha sido preterido, mas alguns alunos passaram por esta estação.

Abraão disse que seu avô costuma jogar com seus amigos, quando se reúnem em frente a um bar localizado perto de sua casa.

C.O.: Esse tipo de vivência do âmbito do lazer ainda tem seu lugar nas pequenas cidades do interior, algo que posso verificar também em minha cidade, vizinha da qual trabalho, onde, não só idosos, mas muitos jovens jogam baralho e dominó nas praças, fato que motivou até a implantação de um quiosque na praça central com diversas mesas para a prática desses jogos.

Outro jogo que fez parte da minha infância e que estava presente em uma estação foi o rouba palito. Esse é um jogo que trabalha muito a concentração, bem como a coordenação motora fina, e fez com que os alunos ficassem atentos quando passavam por essa estação.

Montei também uma estação com Sudoku e palavra cruzada. Os alunos não conseguiram, de modo geral, compreender muito bem o sudoku, e focaram mais nas palavras cruzadas, que é algo corriqueiro utilizado como estratégia durante as aulas de língua portuguesa.

Um jogo muito nostálgico, na sua versão virtual, mas que foi trazido na versão física foi o tetris, ou blocos de encaixe. A dinâmica do jogo virtual nos expõe a pressão de tempo para encaixar corretamente as peças, algo que a versão física não oferece, mas é possível exercitar o raciocínio e a noção espacial.

Por fim, havia também uma estação com o jogo War, também muito conhecido jogo de tabuleiro que trata sobre estratégia. Expliquei aos alunos que é também um jogo muito demorado e que, portanto, certamente não conseguiriam terminar uma partida antes do final da troca de estação. Ainda assim, Noé, Abraão e Jacó, ficaram muito interessados no jogo, pois associaram com Free Fire, jogo virtual de costumam jogar no celular.

Após algum tempo nas estações realizei a primeira conscientização, de modo que os questionei sobre como a dinâmica dessa aula estava em contraste com a aula anterior, ao que Jezebel declarou: aqui não precisa correr, né, professor?

Respondi afirmativamente, e questionei o porquê do intelectual? Ela disse que é porque temos que pensar para conseguir ganhar.

Depois que todos experimentaram as estações com as quais mais identificaram, fizemos uma conversa final, na qual os questionei se haviam gostado da aula? Se tinham esse tipo de vivência fora da escola? E o que chamou mais sua atenção na aula?

Todos disseram que gostaram e que se surpreenderam, pois achavam que ia ser chato.

Jezebel disse que já havia jogado muitos daqueles jogos. Fizemos a autoavaliação e encerramos.



A quinta aula da nossa unidade didática foi sobre os interesses sociais do lazer. Na aula anterior eu havia acordado com os alunos que aqueles que pudessem deveriam trazer alguma comida ou bebida para que realizássemos o nosso piquenique, no entanto, como eu sei das suas realidades, tentei me precaver comprando algumas coisas a mais.

Começamos o nosso diálogo inicial com uma conversa sobre as oportunidades que os momentos de alimentação em grupo nos proporcionam para o aumento do conhecimento mútuo acerca da realidade de cada indivíduo.

Eu os questionei se costumam fazer refeições em família ao que a maioria respondeu que não tem esse costume que geralmente eles se alimentam sozinhos porque na maioria das vezes os seus pais ou responsáveis estão ocupados ou trabalhando.

Como eu havia previsto a maioria dos alunos não pôde contribuir com nenhum tipo de alimento ou bebida. Alguns trouxeram refrigerantes, mas os alimentos foram trazidos apenas por mim. Eu encomendei com a mãe de um dos alunos da escola um centro de salgados, bem como trouxe um bolo e mais algumas frutas. Havia também alguns biscoitos e bananas cedidas pela escola que seriam servidos no intervalo.

Todos juntos preparamos a toalha, a estendemos na quadra, em seguida arrumamos todos os alimentos em cima dela. Sentamos em volta da toalha e começamos a comer enquanto conversávamos sobre assuntos variados.

Como o interesse previsto para esta aula era o social, ao reuni-los para a conscientização, os questionei sobre seus hábitos sociais, bem como os de seus familiares. Perguntei como se dá a alimentação em suas casas? Quem prepara a comida? Seus familiares costumam se reunir para comer ou fazer algum tipo de confraternização, festas etc.? Costumam sair com os amigos para algum tipo de passeio ou evento social? Possuem algum tipo de hobby?

Maria disse que em sua casa, ela costuma acordar mais tarde, quase perto da hora de vir para a escola. Com isso não toma café da manhã, pois alegou que não sente fome quando acorda. Portanto sua primeira refeição acontece na hora do almoço na escola.

C.O: Um ponto interessante a ser mencionado e que tem estrita relação com a motivação desse estudo se dá com o fato de que houve uma iniciativa da prefeitura, inspirada em outros municípios que já o fazem, de dispor o horário das refeições mais próximo do horário convencional, ou seja, o almoço acontece quando os alunos estão chegando na escola separados por escalas de turmas, iniciando as 12h e terminando por volta das 13h30. No meio do período, por volta das 15h, inicia-se o horário do café, que corresponde a 10 min., nos quais são servidos frutas, leite, bolachas etc. Foi a partir dessa mudança que os alunos não tiveram mais o intervalo convencional de 20 a 25 min., do qual gozavam anteriormente e que utilizavam para vivenciar atividades do contexto do lazer.

Débora disse que costuma ajudar sua mãe a preparar o jantar e que gosta muito de cozinhar.

José disse que em sua casa estão sempre fazendo churrasco, e que ele gosta de ir à cidade tomar açaí.

C.O.: Quando ouvi pela primeira vez alguns alunos se referindo à irem até a cidade, deduzi que eram alunos provenientes da zona rural, mas eu estava enganado, eles se referem à região mais central como cidade, pois seu bairro é realmente mais afastado e há necessidade de percorrer um pedaço de estrada para atingi-lo.

Ao final, realizamos uma roda de conversa refletindo sobre como podemos promover e valorizar mais vezes momentos como este, de maneira que possamos nos conhecer melhor, entender um pouco da realidade do outro, para saber respeitá-lo, assim também nos conhecemos melhor a nós mesmos, e identificamos a importância dessas situações para nos preparar para a vida em sociedade.

Falamos ainda sobre as características dessa aula, ao que Talita comentou: -- Nem pareceu uma aula! Enquanto eu perguntava: -- O que predominou aqui, hoje?

Jezebel respondeu que foi a conversa, e que mesmo que não fizemos atividade física, como na aula passada também não, as duas foram diferentes, porque nessa a gente só conversou.

E comeu, né, respondeu, Lia. E com isso finalizamos mais um encontro.

Essa, certamente, era uma das aulas mais esperadas pelos alunos, de toda a UD. Eles estavam muito entusiasmados e ao longo dos dias que antecederam a aula, me perguntavam reiteradamente se poderiam realmente trazer seus aparelhos celulares para a escola. Perguntaram até para a diretora, que confirmou, mas advertiu que seriam usados os aparelhos, apenas no momento da aula. A professora de sala também já estava ciente e não houve problemas quanto a isso.

Quando cheguei na sala para buscá-los, estavam eufóricos. Pegaram seus celulares e foram mostrando uns para os outros.

C.O.: Este aparelho telefônico, que já não se resume a apenas fazer ligações, mas que com o advento da internet, especialmente com as redes móveis, tornou-se um artigo extremamente fetichizado por grande parte da população que se rende aos movimentos de massa, é também para os alunos um artigo de luxo, que eles ostentam, mas sempre sonhando com o próximo modelo e com o Iphone.

Esta aula também foi organizada em estações, a exemplo da aula dos interesses intelectuais.

C.O.: Durante a qualificação deste trabalho, no qual estou tendo a honra de ter em minha banca o professor doutor Fábio Ricardo Mizuno Lemos, o qual possui uma profunda relação acadêmica e docente com os estudos do lazer, na medida em que também atua como professor no Instituto Federal de São Carlos, bem como a professora doutora Gisele Maria Schwartz, que tem uma destacada carreira dedicada aos estudos do campo do lazer, e que foi quem inicialmente propôs as primeiras reflexões acerca do lazer virtual, me foi sugerido trabalhar, nesse interesse, com os Webgames adaptados, atual fonte de estudos e publicações da profa. Gisele. Eu fiquei muito inclinado a optar por essa abordagem que achei realmente muito interessante, na medida em que a proposta auxilia os alunos a fazerem esta transposição do mundo virtual para a concretude do real, além de ser uma forma de inserir movimento e dinamismo em suas rotinas, tendo como apelo os jogos virtuais que tanto estimam.

Nesse sentido, como nosso planejamento já estava delineado, decidi trazer o jogo PAC-MAN adaptado como uma atividade surpresa no final da aula, como estratégia para que conseguissem estabelecer essa relação entre a realidade virtual e a realidade material.

Iniciamos nossa aula com o diálogo inicial, no qual perguntei quanto tempo, em média, eles passam utilizando aparelhos eletrônicos, por dia.

Rebeca, em tom sarcástico, bradou: -- 24 horas! Ao que todos riram, inclusive o professor. Insisti na pergunta, mas exigi resposta mais coerente. Moisés afirmou que, se dependesse de sua mãe ele não jogaria Roblox – seu jogo preferido – no celular, mas seu pai estabeleceu que ele pode jogar 2 horas por dia, 4 vezes na semana, de modo que os dias e horários distribuídos ficaram, segunda, quarta, sexta e sábado, das 18h às 20h. Explicou que é o horário que o pai está em casa e que, dessa maneira pode controlar melhor o acesso.

Ficamos todos espantados com essa dinâmica, eu e os alunos, pois o que geralmente se observa é uma relação menos organizada com os meios tecnológicos.

C.O.: Faz-se necessário que se viabilizem espaços adequados no ambiente escolar para que sejam levadas a cabo, ações que visem auxiliar os alunos ao bom uso das ferramentas tecnológicas, seja para os momentos do âmbito do lazer, ou para objetivos acadêmicos, para o trabalho ou qualquer outra finalidade que possam conceber, o que ficou escancarado quando da pandemia.

Lia e Rute afirmaram algo semelhante sobre essa relação. Costumam assistir séries com seus pais a noite, em casa.

C.O.: Essa fala me fez lembrar da febre em que se converteu a série Round 6, da Netflix, aplicativo on demand de reprodução de séries, filmes e documentários. Quando do seu ápice de audiência, os alunos não mais me pediam futebol, mas todos clamavam por batatinha frita 1, 2, 3, pois a série coreana, narra a história de um grupo de pessoas que precisando de dinheiro aceitam participar de jogos infantis, dentre os quais, batatinha frita, com a promessa de que o vencedor receberia muito dinheiro, contudo, não foram avisados de que os perdedores perderiam também a vida.

Nessa época, o jogo tradicional, se convertia, na cabeça das crianças na vivência lúdica da série. O problema é que ela é contraindicada para menores de 18 anos, pois contém muitas cenas violentas, o que mais despertava a atenção das crianças.

A primeira organização das estações era composta de um momento participando de um grupo de WhatsApp, criado naquele momento pelos alunos, no qual poderiam conversar sobre assuntos variados. Sugeri que eles tentassem adivinhar o jogo que eu fazia com eles ao final da aula. Eu enviava alguma pista no grupo para ajudá-los nesta tarefa.

As outras estações estavam compostas por notebooks nos quais eles poderiam jogar diferentes jogos, como os Esports, futebol, tênis, automobilismo, golfe, skate etc.

C.O.: Essa é uma estratégia interessante para trabalhar alguns esportes que são menos acessíveis no contexto escolar, especialmente para a segunda etapa do ensino fundamental e para o ensino médio, nas quais os esportes são mais enfatizados.



Após os alunos passarem pelas estações, os reuni para fazermos o primeiro momento de conscientização. Foi então que os questionei sobre as possibilidades que o meio virtual nos oferece de vivenciarmos situações que materialmente estariam muito distantes da nossa realidade.

Jezebel, costuma ser sempre a primeira a se pronunciar, e dessa vez não foi diferente. Ela disse que ficou com muita vontade de andar de skate depois que viu a Rayssa Leal ser campeão das olimpíadas, mas nunca teve a oportunidade, e que gostou de poder jogar com uma personagem feminina no skate. A corrigi dizendo que ela foi medalhista de prata e que podemos vivenciar atividades com skate em uma aula futura.

Jacó, em tom jocoso, disse que poderíamos fazer essa aula mais vezes, porque, pelo menos aqui podemos jogar futebol. Os meninos concordaram com ele.

Em seguida, apresentei as seguintes estações, que foram preparadas para esse segundo momento de vivências da aula. Pedi para que eles ficassem mais atentos às possibilidades que o meio virtual nos oferece, e como isso tem impactado a nossa vida nos últimos tempos.

Havia um notebook com o google Earth aberto para que pudessem viajar pelo mundo e conhecerem qualquer localidade desejada.

Outra estação continha jogos intelectuais em formato digital, tais como de tabuleiro, cartas, estratégia etc.

Preparei uma mesa digitalizadora para que pudessem, na interface com a os interesses artísticos, desenhar, pintar, ou até mesmo realizarem modelagem 3D, por meio dos programas Photoshop e Tinkercad.



Instalei ainda um controle em um celular para que pudessem jogar dois jogos que muito me pediram, quais sejam: Fortnite e Roblox.

E por fim, havia uma estação extremamente nostálgica, para mim, e que os conscientizou sobre as origens remotas dos jogos eletrônicos que hoje podem ser jogados na palma de suas mãos, pelos celulares. Nessa estação estava contido um Super Nintendo, console lançado no Brasil em 1993, com os jogos do Super Mario Bros, o jogo de videogame que sintetiza todos os elementos do mundo dos games.

Depois de vivenciarmos essa etapa da aula, perguntei se alguém havia descoberto qual o jogo nós faríamos na quadra, e eles se espantaram que nós iríamos para quadra, pois eu apenas falei que faríamos um jogo surpresa no final da aula, mas não informei onde seria.

Foi então que revelei qual seria nossa atividade, e eles logo reconheceram como o pega-pega na linha, com o qual já estão habituados. Demonstraram entusiasmo por poderem ainda vivenciar uma atividade na quadra.



Ao final, nos reunimos para finalizar a aula, que já estava perto do fim, e foi quando perguntei se perceberam a predominância de algum interesse cultural do lazer nessa aula; se estavam conscientes sobre como devemos modular o uso dos aparelhos eletrônicos para promover o encontro presencial, como na aula anterior, ao passo que o virtual nos oferece possibilidades, de outro modo, inviáveis etc.

Talita respondeu que é impossível viver sem celular, hoje em dia. Eu perguntei como ela faz durante o período de aula. Ela replicou dizendo que fica contando os minutos para chegar em casa e poder acessar o YouTube para assistir seus vídeos de maquiagem e do Enaldinho.

Moisés disse que gosta muito de jogar online, e que para ele essa também é uma oportunidade de se encontrar com os amigos fora da escola, pois presencialmente isso seria muito difícil, já que os pais não o deixam sair.

Eu confirmei seu posicionamento, mas alertei sobre como os encontros presenciais são importantes para nossa vida em comunidade. Ele concordou.

Maria completou que ficou muito claro que a aula de hoje era sobre interesse virtual. Perguntei, por quê? Ela respondeu que pelo uso dos aparelhos e da internet. Desse modo, encerramos mais um encontro.

A próxima aula tratou dos interesses turísticos do lazer. Esse interesse também não foi originalmente sugerido por Joffre Dumazedier, quem o fez foi, Luís Octávio de Lima Camargo, ao que foi bem aceito pela comunidade acadêmica dos estudos do lazer.

Havia algumas possibilidades vislumbradas por nós quando do planejamento participativo em relação ao interesse turístico do lazer, mas a que acabou se confirmando foi a que talvez menos os empolgaria. Entretanto, eu estava errado. A ideia de sair da escola, em horário de aula, para caminhar pelas ruas do bairro no qual eles vivem, fez brilhar seus olhos, e com isso os meus também.

Iniciamos na sala, de modo que estabelecemos o primeiro diálogo, no qual pudemos traçar uma rota, com a ajuda dos alunos que mais conheciam a localidade. Em seguida fomos para frente da secretaria nos preparando para partir, quando Jezebel brada:

--“Professor, da próxima vez, a gente pode fazer uma excursão pra praia, né? Será que dá pra fazer na formatura... “Mas ir pra lá é muito caro”.

Eu nem tive tempo de responder e a própria aluna foi constatando a impossibilidade, puramente material, de sair do lugar em que está e chegar a outro, mesmo que gratuito.

C.O.: Essa realidade que se impõe sobre seus ombros restringe de tal modo as possibilidades humanas, que seria mesmo importante, que essas vivências compusessem seu desenvolvimento humano, em alguma etapa de suas vidas, e que bela imagem seria conceber a escola como promotora dessas experiências.

Depois de pensar em todas essas coisas, respondi que, muito daquilo com o qual sonhamos, precisamos buscar, pleitear e quando necessário lutar, para que se concretize, de modo que devemos estar conscientes para cobrar os nossos direitos enquanto agimos para mudar a realidade posta.

Antes de sairmos, revisei os avisos e alertas sobre o comportamento durante o nosso tour, e relembrei que teríamos que nos restringir aos 50min de aula, portanto não poderíamos tardar muito.

Israel, exclamou: -- “Ixxi! Não vai dar tempo”. A gente tem que andar o bairro todo.

C.O.: este pode ser um dos entraves, apontados por alguns autores, no desenvolvimento de atividades do âmbito do lazer, na escola. A estrutura e organização da unidade não foi pensada para que fossem realizados conteúdos do lazer. Não obstante, é possível rearranjar determinadas situações mediante planejamento prévio e parceria com a gestão da escola.

Antes de sairmos registramos o momento em frente à escola.



Descemos a rua principal que dá acesso ao bairro, no qual a escola está localizada. Os alunos estavam mais eufóricos do que eu imaginava. Esboçaram corridas e saltitavam no meio da rua.

Eu, tentando manter o grupo unido, chamava a atenção pedindo que mantivessem certa proximidade e evitassem permanecer muito tempo no meio da rua. Não adiantava muito, eles pareciam estar muito à vontade andando pelas ruas do bairro e a cada esquina contavam-me passagens, acontecimentos enquanto apontavam na direção das casas falando quem morava em cada uma delas.

Os alunos queriam que tomássemos o rumo de suas casas. – Vamos por aqui, professor. – Não, vamos por aqui! Exclamavam, exaltados.

Eu respondia que não podíamos nos demorar muito, porque a professora tinha uma atividade importante para aplicar nesse dia, e precisaria da presença dos alunos sem grandes atrasos.

Avistamos um imponente casarão, aparentemente abandonado, porquanto combalido pela ação do tempo, mas que ainda preservava um certo charme arquitetônico, com ares de casa assombrada de filmes de terror.

Avisaram-me que há gente morando ali. Pessoas que perderam suas moradias e que passaram a ocupar o espaço. Registramos a ocasião.

Logo abaixo havia uma outra casa, um sobrado, menos belo, apesar de mais recente. Parecia ainda estar em construção. Os alunos me disseram que este também estava habitado, mas não pelo dono legítimo, e sim por outros que fizeram morada do lugar deixado.



Adentramos na profundidade do bairro. O lugar onde outrora se instalara um assentamento, que por agora, estava passando pelo processo de legalização, que prometera prover alguma dignidade aos pais, avós e bisavós dessas crianças. O lugar que, ainda há pouco, legalmente, não existia. O verdadeiro não-lugar.

Esta região era, para mim, desconhecida até o momento. Eu já havia percorrido outros lugares do bairro que permeia a escola, o que oficialmente existe, mas até ali, jamais estivera.

Ao longe, alguns avistavam suas casas, e em meio às conversas soltas, alguém lançou:

-- “Aí, professor tá vendo aonde a gente mora? Aqui perto de casa não tem nenhum lugar pra fazer lazer”. Ao que respondi: Como não, depois de tudo que a gente viu sobre lazer, o que você me diz sobre isso? Silenciou. Continuei. Caso isso fosse verdade, vocês teriam ao menos um lugar especial, um porto seguro no qual vocês podem se sentir confiantes e confortáveis, e que certamente haverá vivências do contexto do lazer preparadas especialmente para vocês. Ao que me interrompem: -- A escola!

C.O.: Mesmo na sétima aula da unidade didática, ainda se manifesta, em alguns alunos, uma visão estereotipada acerca do fenômeno do lazer, o que me faz refletir sobre a necessidade urgente de uma educação para o lazer, e que ela se efetive ao longo de todo o percurso formativo dos alunos na educação básica, para que ao final do trajeto atinjam essa proficiência em relação ao fenômeno.

Um pouco mais adiante a vista nos apresenta um campinho, daqueles que um dia, talvez tenha sido de areia, mas que agora jaz no ferro que confere à vermelhidão da terra, cercada por alguns tufo de uma grama rala, pastada, e por arbustos desformes por entre árvores de diferentes qualidades, algumas frutíferas, as quais, correram apanhar goiaba.

Nesse momento, apontei-lhes o espaço do qual dispunham para vivências do contexto do lazer. – Pessoal, isso é lazer na sua essência mais pura.

C.O.: Não se trata aqui de romantizar a precariedade ou de fechar os olhos para os problemas sociais que assolam a população mais pobre. Ao contrário, o pressuposto desse estudo, e o sentido para o qual caminha, tende a reafirmar e sustentar uma defesa da necessidade, tanto de uma educação para reconhecer os espaços adequados, para se apropriar das leis, reivindicar direitos, destinar bem o tempo disponível, quanto despertar a consciência de que, na medida em que essas ações se concretizam se fortalece a luta pela viabilização de equipamentos propícios para as vivências do contexto do lazer, seja na escola, ou no seu entorno.

Continuamos adentrando ao interior do bairro; nos aproximamos da última rua, aquela mais à extremidade da região, onde a vegetação da mata ciliar com seus pequenos córregos, que mais adiante vertem no imponente Mogi-Guaçu, entrecruzam as ruas se confundindo com a paisagem periférica das casas, quase todas por terminar.

Ganhamos o pontilhão, que até outro dia, conforme relatos dos alunos, não contava com a nova grade de proteção, instalada para evitar aumentar o número de acidentes com crianças que despencavam pela ribanceira, terminando na água barrenta.

Atingimos o fim da última rua, do último recinto, do bairro que não existia; iniciamos nosso retorno de volta para a escola.

C.O.: Confesso que para mim, mesmo após alguns anos trabalhando por aqui, convivendo com essas crianças, dando e recebendo afeto, estreitando os laços humanos com eles, esse lugar também não existia. Foram poucas as vezes que me peguei ponderando sobre as dificuldades que eles precisam vencer cotidianamente antes de chegarem na escola em um dia qualquer. Tudo isso me impactou profundamente, e levo a convicção de que o meu olhar para os alunos, provenientes dessa comunidade, jamais será o mesmo.

Quando do retorno, Maria avistou a casa de sua avó, ponto de apoio no qual paramos para reabastecer e seguir destino nessa viagem que nos revela todo dia uma nova faceta da sua trama indecifrável.

C.O.: A pergunta que ecoava, e que talvez continue *ad aeternum* a ecoar em minh'alma, inquiria: por quê? Por quê? Silenciei.



Subíamos agora, percorrendo todo o caminho que nos conduzira até ali. Como na descida todo santo ajuda, a subida nos parecia amarga e calorosamente interminável. Nada que fizesse baixar o ânimo deles, que contentes, quais anfitriões ao apresentarem moradas de seu castelo interior, eles ainda carregavam uns aos outros de cavalinho, como se tudo fosse diversão.

C.O.: O contexto do qual provenho é, em certa medida, similar ao que avistei hoje por aqui. Essa experiência desenterrou memórias, muitas das quais jaziam estrategicamente ocultas, no mais profundo do meu ser.

Já, perto da escola, procuramos a sombra de uma frondosa árvore que nos serviu de abrigo dos sóis que pareciam acompanhar individualmente cada um de nós, naquela tarde de primavera tropical.

Enfim, de volta estávamos à escola. Acho que meu olhar sobre eles realmente se modificou permanentemente. Eu via aqueles olhos, aqueles sorrisos, aquela força de vida pulsando, a pergunta martelando minha cabeça: por quê?

Acho que não consegui dar um desfecho digno àquele momento. As palavras me faltavam, a boca seca não articulava, no fundo, sinto que aquela aula nunca terminou.

A oitava aula foi sobre os interesses artísticos do lazer. Um conteúdo de extrema relevância que é, certamente, capaz de adubar aquelas almas, para que plantadas as sementes corretas, frutifiquem naqueles homens e mulheres que ansiamos encontrar no futuro, ocupando seus espaços na sociedade.

C.O.: A arte é beleza, é a expressão, por meio do belo, daquilo que apreendemos das verdades eternas.

Gostaria muito de que eles pudessem ter vivido a experiência do teatro, mas não foi possível. Não obstante, há um projeto tocado na escola por uma professora pedagoga, que ensina canto coral aos alunos interessados. Tentei proporcionar-lhes uma aula com ela, mas no nosso horário era inviável para ela, e no horário dela, era inviável para nós.

Alguns alunos dessa turma fazem parte do coral, e puderam ter a incrível experiência de visitar a Sala São Paulo por intermédio da iniciativa “Conhecendo a Orquestra”, na qual a professora Daniela Pindobeira, responsável pelas aulas, inscreve seu projeto para realizar anualmente a visita.

Também pude ir em duas oportunidades com os alunos. Experiência indescritível.

Iniciamos com o diálogo inicial que se desenvolveu provocando-os para o quão atentos estamos às expressões artísticas que estão à nossa volta e como podemos, nós, expressarmos interioridades por meio das artes?

C.O.: Mencionei que os alunos não possuem aulas de educação artística, pois a demanda do currículo é tamanha, ainda enxertada com orientações de estudos, robóticas, empreendedorismos, projetos de convivência, que não sobra tempo para a “inutilidade” a qual encerra o campo das artes, uma prima exótica da Educação Física.

É provável que ocupemos não-lugares existenciais próximos na mente mórbida dos gestores educacionais. Divago.

Respostas equivalentes ao quanto são estimulados a desenvolverem sua sensibilidade:

-- Não sei, sor!.

-- Ih, sor! A gente nem tem aula de artes.

-- Minha, vó fala que só faço arte, risos generalizados.

Explanei um pouco sobre aspectos relevantes da arte, como o despertar para as coisas belas da vida, como observar aquilo que há de belo na natureza e em nosso entorno.



Partimos para a primeira vivência que consistia em expressar em cartolinas aquilo que estivesse latente em seu eu interior. Disse para eles que colocassem no papel, seus sentimentos, emoções, medos, frustrações, alegrias, aquilo que mais estivessem percebendo de si mesmos, naquele momento.

Antes de iniciarmos, pedi para que se deitassem no chão, fechassem os olhos e deixassem brotar tudo aquilo que eu havia falado.

Começaram os desenhos; surgiam paisagens, corações, nuvens, flores...

Enquanto pintavam eu passava observando e registrando em fotografias a expressão daquilo que traziam e compartilhavam comigo.

Reuni a todos para o momento da conscientização... insisti no exercício da nossa capacidade de encontrar beleza ao nosso redor. Para tanto propus a segunda experiência. Enquanto terminavam de pintar seus desenhos, uma dupla de cada vez, saíria pela escola, com meu celular, buscando algo que lhes chamasse atenção para registrar com fotos.





É possível que o aspecto da natureza ao nosso redor, aventado em minha fala tenha causado alguma influência na direção que tomaram os registros fotográficos.

Tentei investigar esse fato, questionando-os o que os motivou a tais escolhas. As respostas convergiram: -- É a parte mais bonita da escola. -- O verde dá um ar de coisa boa.
-- As flores são cheias de vida.

Encerramos com a roda de conversa, na qual chamei sua atenção para a natureza do interesse que acabavam de vivenciar.. Jezebel disse que percebeu que o interesse artístico foi predominante porque a sua motivação maior, na aula era fazer algo bonito, e o professor falou que arte é beleza.



Para a aula dos interesses manuais do lazer, já estava previsto que confeccionaríamos as pipas visando a realização da aula final, na qual as empinaríamos na praça.

Nesse sentido, iniciamos um diálogo no qual alertei sobre os pontos de atenção do interesse que estávamos vivendo.

Melquisedeque, exclamou: -- É manual porque a gente faz com as mão! Todos riram. Mas a essência da ideia não estava completamente equivocada.

Comecei passando as instruções básicas para a confecção da armação, que é o esqueleto, a estrutura da pipa. Distribuí para cada um dos alunos, um conjunto com três varetas de bambu, uma de cada tamanho, um pedaço de linha nº 10 com o qual firmariam as varetas, e lhes apresentei o molde para finalizar a armação, depois que as duas varetas horizontais estivessem unidas à vareta central vertical.

Mostrei as posições em que cada vareta deveria ficar e como a prendemos com a linha... Primeiro a superior, em seguida a inferior.

Depois dessa fase, com as duas varetas bem firmadas, as encaixamos no molde para passar as linhas externas que determinam as posições das varetas, o formato e modelo da pipa.

O molde auxilia a manter as varetas laterais posicionadas no lugar exato em que precisam ficar para a armação não ficar pensa. Quando esta tarefa é realizada sem o auxílio do molde, é comum que ocorram diferenças nas distâncias entre uma e outra vareta nos dois lados da armação.

C.O.: É perceptível como a ausência de estímulos artísticos e manuais com os alunos faz com que sua destreza para realização de tarefas relativamente simples esteja muito comprometida.

Eles tiveram muita dificuldade nesta etapa, de modo que o tempo da aula já estava se encerrando antes que eles pudessem terminar a armação.

A professora não estava presente neste dia, então conversei com a substituta e com a coordenadora, se poderia continuar realizando as atividades manuais de confecção das pipas durante a próxima aula, ao que concordaram e a aula prosseguiu.

Nesse intervalo, realizei a conscientização, na qual destaquei a capacidade humano que temos de transformar a natureza, agindo no mundo material, a partir de uma matéria prima, a qual modificamos e damos uma finalidade, como já ensinava Aristóteles na teoria das 4 causas: a causa material, aquela da qual o ente é constituído, a causa formal, aquela que distingue o ente do todo, a causa eficiente, aquela que imprime a forma no ente, e por fim, a causa final, aquela que determina a razão de ser ou finalidade do ente.

Nesse caso, a causa material da pipa era o conjunto, bambu, linha, folha de ceda. A causa formal era o modelo de pipa que decidimos fazer. A causa eficiente fomos nós, e a causa final é ser empinada gerando divertimento e demonstrando como somos capazes de dobrar os elementos da natureza.

Neste momento, Sara, exclamou: -- “É legal que dá pra gente fazer nosso material próprio, né?”.

Exatamente, a ideia aqui é que vocês percebam como não precisamos ficar presos ao que temos ou não temos aqui. Outra coisa importante que eu gostaria muito que vocês levassem desse aprendizado é que lazer não precisa ser caro. A gente não pode cair nessa lógica de consumo e ficar paralisado por achar que só é possível viver o lazer se a gente tiver muito dinheiro. Isso é falso e a escolha está aqui para demonstrar isso para vocês. Aqui, cultivamos justamente os valores contrários a esses em oposição ao lazer de consumo, vimos como é possível construir nosso próprio material.

Mais uma aula estava se encerrando, e ainda não havíamos terminado de encapar as pipas, quando fui novamente falar com a professora, que concordou sem nenhuma resistência em ceder sua aula para que terminássemos a confecção das pipas, já que a próxima aula seria o festival e nosso calendário estava muito apertado. No total essa aula foi constituída de três horas/aula.

Após terminarmos de encapar todas as pipas, partimos para as rabiolas. Entreguei novamente para cada um, um kit com fitinhas feitas de sacola de lixo, e a quantidade exata de linha para o tamanho desejado de rabiola que fosse adequado para o modelo de pipa que escolhemos.

Eles confeccionaram, com minha, ajuda e em duplas suas rabiolas e terminamos quase estourando o horário da terceira aula.



É chegado o grande dia... a culminância de tudo aquilo que previamente idealizamos e que foi saindo do papel assumindo suas formas e sentidos no chão da escola, na concretude do real. É a ciência aplicada na sua forma mais direta possível, sem intermediários e nem filtros.

C.O.: Um dos pontos altos do ProEF, é, sem dúvidas, essa realidade radical a qual os professores-pesquisadores estão submetidos no seu cotidiano, e de onde são instigados, suscitados a emitirem sua percepção daquilo que experimentam rotineiramente.

Recordo-me da professora doutora Dijnane Iza, ainda quando da graduação, me advertindo, que tempo é diferente de experiência, porque você pode passar a vida inteira fazendo algo de modo equivocado, e no fim sua experiência acumulada vai refletir isso.

Não obstante o ProEF, como uma boa formação contínua deve ser, nos ajuda a refletir sobre nossa própria prática, evitando que caiamos no lugar comum do comodismo, do abandono do trabalho docente, do desinvestimento pedagógico ou de qualquer outro tipo de fuga das problemáticas que nos assolam na carreira docente que desejemos conceber ou cultivar. Ao contrário, esse é o melhor investimento que se pode fazer. Nesse banco de aperfeiçoamento, discussões, reflexões e conhecimentos pedagógicos, a garantia de retorno é certa.

Esse é o momento em que os alunos farão a vivência aberta, livre, não coagidos, preocupados apenas em demonstrar a autonomia adquirida ao longo do percurso que os habilita a vivenciar essa experiência determinante.

Antes de sairmos, conversei com eles sobre a segurança durante o tempo em que estivermos na praça, levantei suas expectativas para o grande dia, e sobre como os interesses culturais do lazer se interrelacionam e interconectam.

O aluno Melquisedeque faltou em muitas oportunidades e estava um tanto perdido em relação a nossa UD, ao que exclamou: -- “Aqui não dá pra fazer. Como que a gente vai soltar pipa na quadra?”.

C.O.: Essa manifestação do aluno Melquisedeque fez emergir a necessidade da transposição dos muros da escola, mas sem abandoná-la como núcleo a partir do qual a iniciativa emergiu, bem como no qual ela pode ser fomentada, de maneira que tamanha seja sua mobilização que ela extrapole ao seu entorno, envolvendo toda a comunidade sempre em uma perspectiva formativa educadora. (N10/I18)



Partimos para a praça, caminhando com nossas pipas em direção à concretização de um projeto do qual todos fomos parte integrante e ativa, de modo que conduzíssemos a formação pela seara da educação pelo lazer, culminando com a educação para o lazer.

C.O.: Uma peculiaridade a ser notada é que foi, também nesse dia, a festa de halloween, de modo que alguns alunos estavam fantasiados, o que conferiu um toque ainda mais divertido ao evento.

Este é o momento de encerramento da unidade didática, quando os alunos têm a oportunidade de experimentar e demonstrar a autonomia desenvolvida ao longo do processo, de modo que possam vivenciar as atividades, a partir dos materiais que eles mesmos confeccionaram, de maneira emancipada da coação da lógica de consumo e dos obstáculos diversos que os impedem de acessar esses espaços e tempos.

O aluno Abraão, quando estávamos reunidos para a foto na praça, ao se deparar com todo aquele material disparou: “Vixe, sor! Cê gastou muito comprando tudo essas coisa, hein? É muito caro”.

Eu disse que o valor de termos feito com nossas próprias mãos as pipas que agora empinaríamos era muito superior a qualquer coisa que o dinheiro pode comprar, pois esse potencial emancipatório, esse sentimento de liberdade, de potência de ação, possibilidade de realização, isso tudo não tem preço.

Foi assim que se iniciou o nosso festival... alguns meninos mostraram destreza para empinar as pipas, assim como algumas meninas. Aqueles que estavam com mais dificuldade, procurei auxiliá-los.

A praça não é arborizada, não conta com muitos bancos, não está ainda estruturada como uma praça pode ser, mas este foi o lugar do nosso encontro, era ali para onde, tudo aquilo que foi feito, confluía, em meio a outras crianças que não eram da turma, cachorros, alguns obstáculos, mas esse era o nosso festival, o festival do lazer da escola, o festival do lazer da nossa escola.

Tínhamos permissão para ficarmos por 2 horas... tempo esse que parecia voar junto com as pipas em meio ao desfrute da concretização de um trabalho que se iniciou no ingresso do mestrado e se foi realizando ao longo de quase dois anos... dois anos em 2 horas.

Foi maravilhoso poder observar a alegria estampada naqueles olhares semicerrados pelo sol, o astro rei, que mais uma vez era nosso fiel companheiro. Aqueles mesmos olhares que passaram comigo pelas ruas de suas casas compartilhando a intimidade de suas vidas.

Eles empinavam as pipas feitas pelas suas próprias mãos, isso é educação pelo/ para o lazer, isso é lazer da escola.

Eu poderia ficar assistindo a este espetáculo por horas a fio. Era como assistir a um filho aprendendo a brincar, ensaiando seus primeiros passos, falando suas primeiras palavrinhas...

Eu sei que isso não pertence apenas a mim... eu sei que isso é patrimônio da educação, essa tão sofrida e renegada educação, que abre espaços a cotoveladas, que respira enquanto tentam sufocá-la, que dá frutos enquanto podam seus bons galhos...

Eu não sei o que seria de mim se não fosse a educação. Eu sou filho da educação, eu tiro o sustento da minha família da educação, eu vivo a educação...





Eu preciso dela, eu dependo dela, e acho que, pelos menos um pouquinho, ela precisa de mim; ela conta comigo; como aquela andorinha, aquela gotinha...

Após quase duas horas desfrutando o esforço do nosso trabalho, dando vazão aos sentimentos reprimidos, retornamos para o nosso ponto de encontro. A escola, parceira da educação, mãe, filha, amiga, aquela que incentiva, aquela que mantém motivada, aquela que sustenta a chama acesa, aquela que não deixa a peteca cair, aquela brasileira, que não desiste nunca. Essa é a simbiose entre escola e educação, e por que não acrescentar mais um tempero a esse caldo? Há espaço para o lazer nessa mistura, sem dúvidas, ele vai dar o seu toque peculiar, o impulso que falta para alçarem voos mais elevados, tais como esses que hoje experimentamos.



Fizemos uma reflexão final, sobre as vivências realizadas ao longo da unidade, em relação aos aspectos mais relevantes para cada um, sobre como a unidade impactou em suas vidas, sobre a atual percepção acerca do que seja o lazer e de como posso acessá-lo, sobre a possibilidade de as atividades do contexto do lazer fazerem parte da rotina escolar, inclusive aparecendo em outras disciplinas, a autoavaliação, a avaliação da unidade e a avaliação do professor.

Para variar, Jezebel iniciou agradecendo pela oportunidade de poder vivenciar todas essas atividades, por eu ter escolhido a turma dela, entre tantas turmas que eu poderia ter escolhido, e afirmando que o lazer, para ela, agora, é algo que a deixa feliz e que ela quer experimentar mais vezes em sua vida.

Moisés disse que gostou muito de todas as atividades, principalmente de hoje e dos conteúdos virtuais. Disse ainda que adoraria que essas atividades fizessem parte das aulas na escola para sempre. Maria disse que tudo merece nota 10,0 e que gostaria de poder dançar, como fez nas primeiras aulas, mais vezes na Educação Física.

Melquisedeque encerrou agradecendo pela UD ter sido realizada com a turma deles, e mencionando que agora sabe que muitas atividades que já fazia são consideradas do contexto do lazer.

E assim, finalizamos as atividades da Unidade Didática sobre os interesses culturais do lazer nas aulas de Educação Física com os alunos do 5º ano de primeiro ciclo do ensino fundamental.



REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. 599 p.

COUTINHO NETTO, João Batista. **Os interesses culturais do lazer nas aulas de educação física escolar: uma proposta de unidade didática para o ensino fundamental**. 2024. 205 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física Escolar) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2024.



Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

